

VIAJANTES NA SERRA DA ESTRELA (PORTUGAL): TURISMO E LITERATURA¹

Isilda Leitão²

Resumo:

A Serra da Estrela, zona de paisagem integrada no Parque Natural da Serra da Estrela, foi, a partir do século XVIII, lugar de interesse para *viajantes cultos*, entre eles cientistas e intelectuais. Foram eles, através do seu espírito pioneiro e dos seus relatos, que ajudaram a dinamizar a *Serra*, no interesse que esta hoje apresenta: um destino turístico, essencialmente de natureza, mas também de interesse antropológico e histórico.

Contudo, a *Serra* foi abalada por devastadores incêndios, em 2022. Pensamos que o Turismo Literário, baseado nessa memória literária, poderá favorecer esta região com outro tipo de experiências turísticas. O objectivo deste trabalho é, deste modo, fornecer conteúdos literários sobre a *Serra*, de forma a desenvolver potenciais itinerários literários na região.

Após a introdução, apresentamos uma breve síntese sobre a importância do turismo literário, no contexto do desenvolvimento de experiências turístico-culturais em ambiente natural. Seguidamente, referimos autores e obras que celebrizaram a *Serra*, abordando igualmente as causas que motivaram os cientistas a explorá-la. Terminamos com algumas reflexões finais.

A metodologia adoptada é qualitativa, nomeadamente a pesquisa documental, assente em testemunhos recolhidos através do estudo de documentos (históricos, geográficos, literários) e materiais, incluindo trabalho de campo e registos fotográficos, que podem ser reexaminados, com vista à descoberta de novos sentidos e interpretações.

Palavras-chave: Turismo, Literatura, Serra da Estrela.

¹This work was supported by national funds, through the FCT – Portuguese Foundation for Science and Technology under the projects UIDB/04011/2020 and UIDB/04470/2020 CiTUR.

² Centre for Tourism Research, Development and Innovation (CiTUR - Estoril); IELT- Universidade Nova de Lisboa; isilda.leitao@eshte.pt. A autora deste artigo não escreve de acordo com o Novo Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa

TRAVELLERS IN *SERRA DA ESTRELA* (PORTUGAL): TOURISM AND LITERATURE

Abstract:

The Serra da Estrela (Mountain of Estrela) a landscape area integrated in the Serra da Estrela Natural Park, was, from the 18th century onwards, a place of interest for erudite travellers, including scientists and intellectuals. It was they, through their pioneering spirit and their reports and stories, who helped to boost the Serra, in the interest that it presents today: a tourist destination, essentially of nature, but also of anthropological and historical interest.

However, the Serra was shaken by devastating fires in 2022. We think that Literary Tourism, based on this literary memory, could favour this protected area. The objective of this work is, therefore, to provide literary contents about the Serra, in order to enrich it with other types of tourism experiences, namely literary itineraries.

The methodology adopted is qualitative, namely documentary research, based on testimonies collected through the study of documents (historical, geographical, literary) and materials, including field studies and photographic surveying, that can be re-examined, in order to discover new meanings and interpretations. After the introduction, we make a brief synthesis about the importance of literary tourism in the context of the development of tourist-cultural experiences in a natural environment. Next, we refer to authors and works that made the Serra famous and we address the causes that motivated scientists to explore it. We end with some final reflections.

Keywords: Tourism, Literature, Serra da Estrela (Mountain of Estrela).

1. INTRODUÇÃO – A SERRA DA ESTRELA

“(…) De granito abrupto / que os céus investem / abrem-se em madrigais / duas nascentes de água/ que acabam em grandes rios/ (o Mondego e o Zêzere) / um, correndo para o Norte/ outro, para o Sul/ em caudal / fertilizando terras / deste Portugal / Azul (...)”.

(Alfredo Nunes Pereira, *Poema da Serra da Estrela*)

Situada no centro da Península Ibérica, a Meseta Central é uma Cordilheira que atravessa Portugal e Espanha. Na Cordilheira Central Portuguesa, que constitui a linha divisória entre os rios Tejo e o Mondego, com terras de xisto e de granito, destaca-se neste último caso a serra da Estrela, cujo ponto mais alto é de 1993 metros de altitude acima do nível do mar. Uma Torre de sete metros foi ali construída, para completar os 2000 metros, o ponto mais alto de Portugal Continental.

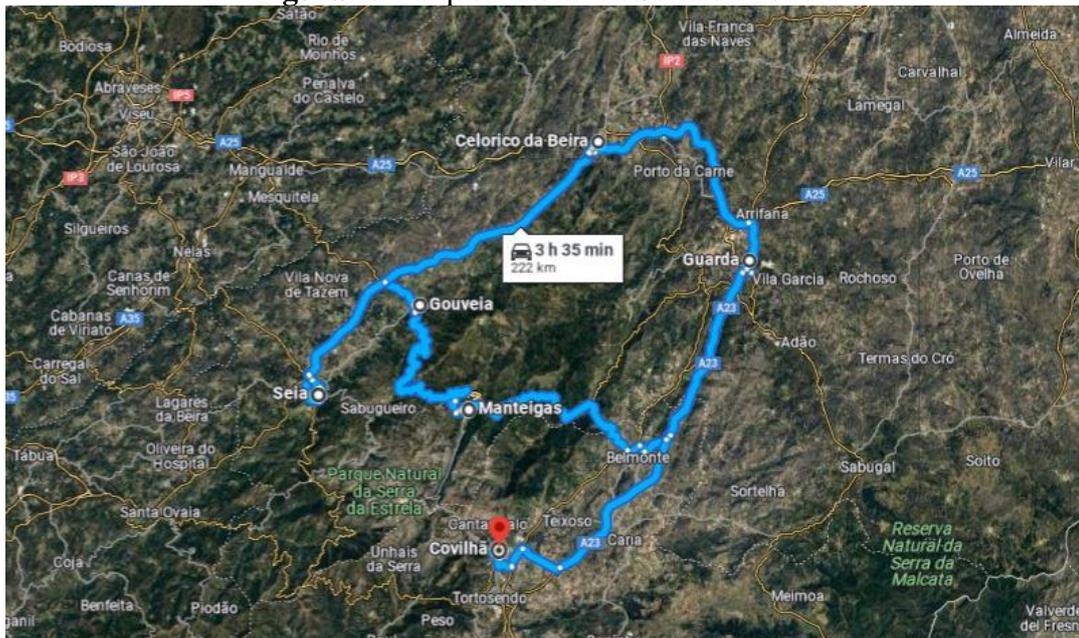
A Cordilheira Central Portuguesa, isolada entre vastas planícies periféricas, constitui a separação natural entre a Beira Alta e Castela e Leão, a Norte; Castela-La-Mancha, Comunidade de Madrid, Estremadura e Beira Baixa, a Sul. Representa igualmente a divisão da Meseta Central Ibérica, entre a submeseta norte e submeseta sul. Este isolamento permitiu-lhe uma maior importância regional que as serranias do Norte (Daveau, 2005).

Como recorda Mattoso, a propósito da *identidade nacional*: “O País foi uma construção dos homens, e não da Natureza. (...) Como mostrou Orlando Ribeiro, em 1945, podem distinguir-se três grandes áreas naturais em Portugal: o Norte Atlântico, o Norte Transmontano e o Sul; mas todas elas se prolongam pelas regiões espanholas, que

as limitam.” E acrescenta Mattoso: A “existência de regiões com diferenças profundas, embora divididas por zonas de transição que dificultam o traçado dos seus limites, constitui, pois, uma nota marcante da identidade nacional. (...) Por outro lado (...) o limite entre o Norte e o Sul de Portugal é bastante claro na parte interior do país, onde a Cordilheira Central constitui um marco de grande relevo. Não existe nenhuma separação análoga no Litoral (...)”. (Mattoso, 1998: 44-45)

A paisagem da Serra da Estrela está integrada no Parque Nacional da Serra da Estrela (PNSE). Este, constituído em 1976, é a maior área protegida em solo português (figura 1). Localiza-se essencialmente na Beira Alta, no Distrito da Guarda (85%, abrangendo os municípios da Guarda, Manteigas, Gouveia, Seia, Celorico da Beira), e na Beira Baixa, no Distrito de Castelo Branco (15%, com o município da Covilhã). É uma Reserva Biogenética, pela sua importância em termos de fauna e flora, que em 2000 foi designada como *sítio de interesse biológico*, passando a integrar a Rede Natura 2000. É uma zona de grande riqueza hidrológica, destacando-se nela, entre outras, as nascentes de três rios: Mondego, Zêzere e Alva. Nas margens deste último encontra-se o *Museu Natural da Eletricidade de Seia*, instalado na antiga Central Hidroeléctrica da Senhora do Desterro, uma das mais antigas de Portugal.

Figura 1. Parque Natural da Serra da Estrela



Fonte: Google

Também conhecida por Montes Hermínios, esta região integra um importante legado histórico, mítico e cultural, entre eles o literário. Neste contexto, o presente artigo tem como objectivo estabelecer a ligação entre conteúdos literários relativos à Serra da Estrela e a própria *Serra*, de modo a favorecer a re-invenção da identidade deste território, para além da sua realidade histórico-cultural e física.

No fundo, enriquecer este espaço com narrativas que propiciem passeios literários, proporcionando ao turista, ao visitante, ao viajante, uma alternativa e uma experiência de maior proximidade face ao lugar, sobretudo nos locais devastado pelos arrasadores incêndios de 2022. Estes conteúdos literários, páginas de magistral beleza, escritas sobre a *Serra*, as suas gentes, as suas actividades, por escritores portugueses do século XIX a

XXI, poderão enriquecer, inclusive, alguns dos já existentes percursos pedestres, enriquecendo o turismo de natureza, particularmente em locais onde se sinta uma maior ausência da flora e fauna desaparecidas.

2. TURISMO LITERÁRIO, PAISAGEM, REGIÕES DE MONTANHA: CULTURA, NATUREZA, SAÚDE

Neste contexto, teceremos algumas considerações, que poderão ajudar a compreender o quão importantes são a Literatura e as Artes na construção dos lugares de Turismo. A primeira, lembrando que o termo e o conceito de *paisagem*, que inicialmente surge no século XVI (Buescu, 1990), se afirma e consolida a partir do século XVIII e ao longo do XIX, “como lugar privilegiado para colocar a questão da «representação» e do «mundo» (Buescu, 1990: 18), e o modo como determinada “personagem” se relaciona com a “natureza/paisagem” (Buescu, 1990: 19). Emergentes e convergentes com o movimento romântico, os nacionalismos europeus do século XIX consolidam os estados-nação europeus. Estes espaços políticos virão a circunscrever e a fazer consolidar relevantes espaços culturais.

Seja na Literatura, seja na Arte, o modo como o Autor/criador representa o *mundo* e se relaciona com determinada *paisagem*, não mais deixará de estar presente. Na paisagem literária, através da descrição literária, na paisagem artística, através da descrição pictórica, fotográfica e, mais tarde, cinematográfica.

A segunda consideração diz respeito à relação entre Literatura e Turismo, destacando o papel daquela como potenciadora de destinos turísticos. Como refere Florence Deprest, é o poema *Die Alpen* de Hallier, publicado, traduzido e amplamente difundido a partir da sua primeira publicação em 1732, e que conhece “pelo menos dez edições, entre 1749 e 1772” (A. Roger, cit. Deprest, 1997: 95), que põe os Alpes na moda, antes mesmo da publicação da *Nouvelle Héloïse* de Jean Jacques Rousseau, em 1760. Menciona ainda a autora que é o século das Luzes, o século dos *philosophes*, que vai propiciar igualmente “todo um contexto social, ideológico e estético que favorece a invenção da montanha alpina” (Deprest, 2004: 94- 95).

A paisagem é, deste modo, uma *inventio*, um *construto* fundamental da cultura, pois essas e outras montanhas, na Europa e no resto do globo, atravessadas normalmente por comerciantes, eram lugares inóspitos, onde viviam populações rurais, maioritariamente analfabetas, que se dedicavam à agricultura ou à pastorícia. É, deste modo, graças ao filósofos, escritores e artistas do século XVIII e XIX, que a cultura ocidental procede à “sagração estética da natureza”, o que nos permite compreender, com o actual retorno da Estética, “a possível fundação de uma nova filosofia da natureza, capaz de integrar a dimensão estética ou de unir superiormente a visão científica com a visão estética da natureza (...) para uma nova relação do homem com a natureza, em que o estético não seja considerado como um luxo, mas como um elemento essencial de uma vida boa (...)” (Santos, 2001: 173-174). Pensamos que vemos consagrados, nestes princípios, a matriz de muito do que respeita ao Turismo Rural, de Natureza, de Montanha, de Saúde.

Por outro lado, não esqueçamos que, simultânea e paradoxalmente, a Revolução Industrial, a partir da segunda metade do Século XVIII, vai provocar “a prática sistemática da paisagem como lugar-no-mundo, como hipótese de uma imanência (...que) nasce do confronto e da consciência que também a paisagem se perde (...). Tal consciência do carácter precário da natureza, da sua historicidade (afinal humana) faz

parte da noção de paisagem e acompanha, de uma forma ou de outra, as suas variadíssimas manifestações” (Buescu, 2012: 11). Muitos destes pressupostos filosóficos, mais ou menos dissimulados, talvez tenham transitado para as actuais preocupações com o Turismo Sustentável e o Turismo de Natureza. Principalmente quando, como no caso da área ardida da *Serra*, essa noção de perda fica mais em evidência.

Deste modo, a *paisagem literária* “constitui uma das mais interessantes manifestações da natureza histórica do lugar, bem assim como este reflecte e configura as relações do humano com o que imagina enquanto transcende. A paisagem é uma forma de evidência do lugar que está bem longe de se confinar a uma visão idílica dos seus componentes (...) a sua fundamentação estética (e por isso histórico-cultural), enquanto conceito, faz parte da sua mesma natureza (...) Uma paisagem nunca se limita a «estar aí». Ela constitui-se como um *acontecimento* que o sujeito constrói na história.” (Buescu, 1990: 9).

Deprest refere ainda (1997: 19), a propósito do papel dos intelectuais e da sua participação na difusão do turismo, que “não foi tanto a legislação sobre as férias pagas, mas sim o trabalho secular das elites culturais para difundir modelos de práticas de espaço que não pertencem ao quotidiano [no caso, a visita à montanha alpina], que permitiu o desenvolvimento do turismo”.

Ainda no que respeita ao turismo de montanha é de realçar que, conotada com o próprio movimento romântico, como sinónimo de genialidade estética e literária, e mesmo de um certo tipo de beleza física, o *mal*, entre eles a *doença*, particularmente a tuberculose/ a tísica, deu aso a inúmeras obras literárias e artísticas, ao longo do século XVIII até ao início do século XX. A título de exemplo, Thomas Mann edita, em 1924, *A Montanha Mágica*, que dará a Davos, local de cura com o seu sanatório de montanha, e à tuberculose, um carácter particular. São considerados heróis e heroínas românticas os que sucumbem com a doença. Como adverte Praz (1977: 58-59):

“Plusieurs de ces thèmes de beauté trouble réapparaissent chez les romantiques, mais ce qui, chez les poètes du XVIIème siècle, n`était pas qu`une pose intellectuelle, devient chez les romantiques une pause de sensibilité. Au «conchetto» du XVIIème se substitue la «sensation» des romantiques. (...) On affectait alors un véritable goût pour la beauté minée para la maladie ou même en decomposition. On écrivait des vers sur les cadavres (...) et on dissertait sur la beauté moribonde (...).”

Em relação aos autores que evocamos, cuja obra literária pode vir a sugerir passeios turístico-literários pela Serra, as suas descrições de lugares e paisagens, por vezes autênticas pinturas através da palavra escrita, em muito favorecem a descoberta desses lugares, ao transmitirem o que nestas paisagens há de mais belo - mas por vezes também horrendo - e humano, nomeadamente o viver das populações, em épocas difíceis, social e economicamente. Neste último caso, muitos escolhem o romance, a novela ou o conto para exprimir, através de personagens ficcionadas, as suas condições de vida. O contraste entre passado e presente permite recuperar a memória e a primitiva identidade do lugar, deixando o leitor, o caminhante, livre para tecer as suas próprias reflexões. Tal como a *obra aberta*.

3. METODOLOGIA

Seguiremos uma metodologia fundamentalmente qualitativa, no presente estudo exploratório. A investigação qualitativa, nomeadamente a pesquisa documental, assenta

nos testemunhos recolhidos através do estudo de documentos e materiais (análise de textos na área da Literatura, da História, da Geografia ou da Arte) relacionados com o nosso campo de estudo (Serra da Estrela), que podem ser reexaminados, com vista à descoberta e sentido de novos ou complementares sentidos e interpretações (Giddens, 2007).

Em todo este processo, o recurso a processos indutivos de análise, a descrição dos aspectos, factos e fenómenos de uma dada situação ou realidade, a identificação de um determinado problema, a recolha, organização e análise de dados, a triangulação e cruzamento dos mesmos de forma a evitar distorções possíveis, é fundamental, já que nestas metodologias, como reconhece a generalidade dos autores (Yin, 2014, Berg, 1995, Albarello, 2005), o próprio investigador se constitui como instrumento fundamental da investigação.

Cruzámos essa informação com a observação e análise *in situ*, contactando com os ambientes geográficos e culturais do espaço turístico, de forma a podermos interpretar e compreender as suas relações, *no contexto em que os fenómenos e comportamentos acontecem* (Altinay e Paraskevas, 2008:75), já que o objectivo central é potencializar e promover, aplicando os conteúdos literários, experiências turístico-culturais distintas das estandardizadas.

No que respeita a esta proposta, os passeios literários poderão ser feitos em dias diferenciados, acompanhando o ritmo da permanência dos turistas nas diferentes unidades hoteleiras ou outras formas de alojamento, cabendo aos mesmos, se assim o pretenderem, a escolha dos diferentes autores e respectivos relatos, para realizarem esses passeios. O mesmo ocorrerá no caso de visitantes diários.

4. A LITERATURA, A CIÊNCIA, OS VIAJANTES NA SERRA

4.1. A Serra, a lenda de Viriato e a construção de um mito nacional – Breve abordagem

Segundo a lenda, terá sido nos Montes Hermínios/ Serra da Estrela onde o nosso herói nacional, Viriato (181 A.D.-139, A.C.), terá nascido e buscado refúgio das legiões romanas. Contudo, para muitos viseusenses, terá sido na cidade de Viseu onde se terá entrincheirado na sua *Cava*³, situada junto do local onde se encontra uma estátua de Viriato (de 1940) em vestes guerreiras. No entanto, dos historiadores clássicos, gregos e romanos, aos actuais, nacionais e estrangeiros, ainda se mantém o debate acerca do seu local de nascimento. Não parece que duvidem que parece ser a Serra da Estrela um dos locais que lhe teria servido de apoio e onde tenha combatido, como chefe dos Lusitanos, contra as legiões romanas.

Respeitado e temido pelos romanos, Viriato percorre a Península Ibérica, saindo do local onde a sua tribo se encontrava. Atribuem-lhe alguns a profissão de pastor, a que a invasão romana tirara do sossego. Como tal, oferecerá resistência ao invasor, através da guerra de guerrilha. Dada a arte da guerra e inteligência que demonstrava, que muito ultrapassava essa origem humilde, para outros seria um guerreiro, até de origem nobre.

³Monumento nacional desde 1910, apesar de investigações recentes considerarem esta fortificação ou um acampamento romano sensivelmente da mesma época de Viriato, ou uma cidade-acampamento muçulmana, de época posterior. Quanto a nós, nada impede que anteriormente este espaço tivesse sido ocupado pelos lusitanos, mesmo sem a construção sofisticada que se pode observar actualmente..

Viriato também apelou, segundo a historiografia, para a união das tribos ibéricas. Este facto faz dele um herói nacional, que tem sido igualmente apetecível para a vizinha Espanha, dado que as fontes geográficas sobre o território da Península e a localização das suas tribos são escassas.

É necessário dizer que o aportuguesamento do mito se concretiza, do ponto de vista documental, no século XVI, em texto de André de Resende (1500-1573), o distinto humanista criador do neologismo *lusíada*, dando a partir dele início simbólico à própria *identidade nacional* portuguesa, dado que este termo foi posteriormente adoptado pelo poeta Luís Vaz de Camões (1524?-1580), na sua epopeia *Os Lusíadas* (1572)⁴, símbolo do povo português, dos *lusitanos*, onde Viriato é logo referido no Canto I, estrofe 26.

Estes textos foram escritos antes da monarquia dual (1580-1640). Na altura, era normal a circulação de modelos culturais entre Portugal e Espanha, tendo sido (como actualmente ainda são) escritores como Camões (representado no Museu da Cera, em Madrid, como “poeta ibérico”) ou Gil Vicente, absorvidos posteriormente, mesmo após a queda da dinastia filipina, por Espanha. Estes escritores, todavia, não viveram nem escreveram durante ou para a dinastia filipina (em Portugal, de 1580-1640). De notar ainda que o mito português de Viriato se foi aprofundando, na mão de autores portugueses, durante a monarquia dual, como forma de resistência ao “invasor”, desta vez não Roma, mas Espanha e, posteriormente, com especial incidência, durante a I República (1910-1926) e do Estado Novo (1926-1974) até aos nossos dias.

Talvez uma das razões também para este mito sobreviver seja igualmente a forma como Viriato morreu. Viriato combate os romanos entre 147 A.C. a 139 A.C. Neste ano, morre atraído por um dos que seria um dos seus mais fiéis companheiros, na tentativa de ganhar a recompensa que por ele davam os romanos. Daí a célebre frase: “Roma não paga aos traidores”, que também imortaliza o mito, dado que os romanos não pagaram ao companheiro que o atraíu. É, pois, também por essa traição que será recordado, como César, assassinado por Brutus. Com numerosa bibliografia histórica, literária, artística (escultura, pintura) (Fabião, Guerra, 1997) cinematográfica (p. ex., *Viriato*, filme de Luís de Albuquerque, de 2019), evocamos aqui um dos escritores, que sobre a história dele escreveu, e onde a *Serra* aparece nestes termos, descrita através da personagem fictícia Tôngio (Aguiar, 1992: 303-313):

“Com uma vaga sensação de receio, contemplei as altas cristas dos Montes Hermínios. Seis anos antes começara a grande expedição lusitana que faria de Viriato e do seu povo o símbolo da liberdade ibérica. Agora estávamos de volta, ainda vitoriosos mas incrivelmente enfraquecidos, e o principal objectivo a atingir – a união dos esforços contra o invasor – parecia-me um sonho cada vez mais longínquo. Os Numantinos faziam guerra e assinavam tréguas à sua maneira, os Vaceus alternavam derrotas com pequenas vitórias; nenhum deles compreendera a impossibilidade de enfrentar separadamente um inimigo comum (...) Depois de seis anos passados a combater sob a insígnia do touro, pareceu-me ainda maior o contraste entre Viriato e qualquer outro chefe militar da Ibéria. Aquilo que o distinguia era, acima de tudo, a arte de transformar bandos guerreiros num exército – não à maneira romana, mas aproveitando as melhores qualidades dos combatentes ibéricos, anulando os seus defeitos: um exército com uma organização reduzida ao mínimo, todavia perfeitamente disciplinada, móvel, flexível e eficiente (...). Quando voltei a avistar os Hermínios, era já pleno Inverno e os cumes das serranias

⁴ Veja-se, a este propósito, Fabião e Guerra, 1998.

estavam cobertos de neve. A nossa hoste continuava acampada no mesmo local, protegendo-se como podia contra a frio. Mas não faltava lenha nem alimentos (...) Apesar do rigor da invernia, Viriato começou logo a treinar os novos efectivos. Ainda nevava, quando recebemos ordem para levantar o acampamento”.

4.2. Viajantes portugueses na Serra – os cientistas

4.2.1. José Tomás de Sousa Martins (1843-1897) - A tuberculose pulmonar e o clima de altitude da Serra da Estrela. A primeira Expedição Científica de 1891. A segunda excursão, de 1893. Os sanatórios de Davos-Platz (Suíça), a cura do bacilo de Koch e as potencialidades de saúde e turísticas das montanhas. O Relatório médico de 1890.

O Dr. Sousa Martins foi professor catedrático da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, antecessora da Faculdade de Medicina de Lisboa, e médico no Hospital de S. José, na mesma cidade. Conhecido pela sua inteligência e prática de caridade, adepto do espiritismo, os seus seguidores atribuem-lhe curas milagrosas, ao entrarem em comunicação mediúnica com ele. Este *santo laico* será um dos *suicidas* portugueses, como diria o pensador e escritor basco Miguel de Unamuno (1864-1936), pois injecta-se com morfina, quando não se consegue curar da tuberculose que o havia contagiado. Após a sua morte, Sousa Martins, conhecido pela sua extrema bondade, foi e ainda é actualmente objecto de culto. Exemplo disso é a sua estátua, no Campo Mártires da Pátria, em Lisboa, em frente ao Instituto de Medicina Legal, normalmente coberta de flores.

Como recorda Navarro (1884: 119) a propósito da sua bondade e da sua especialidade médica⁵:

“A Manteigas fôra de vespera noticia (...) que o illustrado clinico, que tão grande nomeada ali deixára na expedição de 1881, estava outra vez na serra. Logo os doentes se encaminharam à casa do *phthisico* em procura do afamado medico (...) Sousa Martins creou na serra uma reputação, que é a merecida correspondencia que tem na capital. (...) Era um espectaculo eminentemente pitoresco e interessante aquelle! Os doentes sentados no relvado, em grupo, esperando vez; e Sousa Martins, ajudado por Carlos Tavares, atendendo-os com a mesma solicitude e gravidade, que se estivesse no seu gabinete de consultas, auscultando uns, dando indicações verbaes a outros, e escrevendo a lápis, nas folhas da sua carteira, receitauario para os que d'elle precisavam. Tudo grátis *pro Deo*. Ainda espero ver Sousa Martins condecorado com a denominação de *Santão da Serra da Estrella!*”

O nome de Sousa Martins aparece, assim, associado aos estudos sobre a tuberculose e aos benefícios da montanha para a sua cura, junto com os cuidados médicos, de nutrição e de higiene. Com outros cientistas, participou em duas iniciativas científicas à Serra da Estrela. A primeira Expedição Científica, a mais grandiosa, realizou-se corria o ano da graça de 1881, foi promovida e liderada cientificamente por ele, como Presidente da Comissão Executiva e da Secção de Medicina da mesma.

Coube ao oficial da Marinha, geógrafo e explorador do continente africano, Hermenegildo Capelo (1841-1917), a liderança militar. A expedição foi organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa. Nela estiveram representadas, para além da Medicina,

⁵ As citações que seguem estão todas escritas, de acordo com a grafia da edição de 1884, que utilizámos. Por exemplo, Emídio pode escrever-se Emygdio. Destacaremos a *bold* alguns dos lugares, aldeias, vilas ou cidades mais emblemáticas, nas narrativas que se seguem, que constituem espaços que se podem visitar neste itinerários.

áreas do saber como a Meteorologia, Hidrologia, Botânica, Geologia, Geografia, Zoologia, Etnografia, Arqueologia e outras, no total de 13 secções científicas, algumas subdivididas.

A segunda, apelidada de *excursão* (Martins *apud* Navarro, 1894: 3 e 47), muito menos falada ou conhecida, foi organizada passado dois anos, em Agosto de 1883. De muito menor dimensão, foi igualmente da iniciativa de Sousa Martins, e nela encontramos, além do ilustre médico, o jornalista e escritor, de que falaremos adiante, Emídio Navarro. Caberá a este o relato da viagem, registado na obra: *Quatro Dias na Serra da Estrela. Notas de um Passeio*.

Sousa Martins explica a Navarro o motivo que o leva outra vez à Serra: “Preciso de alguns esclarecimentos complementares para o meu relatório e para um estudo importante de postos médicos” (1894: 47). Efectivamente, na Expedição de 1881, todas as secções eram obrigadas a apresentar um relatório à Sociedade de Geografia de Lisboa, algo que nem todas fizeram. Sousa Martins explica, assim, o motivo que o leva outra vez à Serra, re-afirmando ainda a Navarro que essa segunda viagem o ajudará a clarificar as suas conclusões: “Espere um instantinho, em quanto o Serrano e eu acabamos o relatório, que devemos à Sociedade de Geografia, como membros da Secção Médica de 1881” (Martins, *apud* Navarro, 1884: 31)

O relatório chamar-se-á *A Tuberculose Pulmonar e o Clima de Altitude da Serra da Estrela* (1890). Dirigido ao Governo, neste relatório Sousa Martins defendeu a ideia de construir, na Serra da Estrela e em áreas envolventes, Sanatórios e Casas de Saúde, destinados à cura da tuberculose. Apesar de já ter falecido, o Sanatório da Guarda foi inaugurado em 1907, com o seu nome.

Na “Carta-Prefacio”, escrita por Sousa Martins, a pedido de Navarro, que antecede a obra, Sousa Martins fala um pouco desta “excursão” (Martins *apud* Navarro, 1884:3), bem como de outros cientistas que exploraram outras montanhas famosas, como os Himalaias, o Monte Branco, ou os Alpes. Explica como a sonolência provocada pelas altitudes pode também ser benéfica para o sono, sendo este “uma ocasião de repouso e um ensejo de reparação de órgãos (...) um descanso exigido para concertos” (Martins *apud* Navarro, 1884:13), mas sendo necessário, dado que essa sonolência é provocada pela falta de oxigénio a altitudes elevadas, para os doentes com tuberculose, fazerem “*estações de aclimação* em um ou dois pontos das vertentes, no caminho”, como é o caso dos doentes que vão para as “montanhas da Suíça durante o inverno” (Martins *apud* Navarro, 1884:16).

Martins fornece dados sobre as curas e melhoras (maiores do que os insucessos) de Davos-Platz (estância Suíça já na altura famosa, tendo essa fama sido iniciado apenas em 1864, por iniciativa de um médico, ele próprio com *tísica*. Vemos aqui, por esta e outras referências, como Sousa Martins estava actualizado com as investigações da época, umas vezes através dos seus próprios conhecimentos, outras através da imprensa.

Dá também informações da razão pela qual Nice ou a Madeira, “climas temperados” (Martins *apud* Navarro, 1884: 24) não eram tão benéficas para a cura da tuberculose, como se pensava anteriormente, vendo como “único caminho da salvação” o “ar rarefeito, secco, frio e de mínimas variações thermicas – o da alta montanha” (Martins *apud* Navarro, 1884: 24). Explica os sintomas da tuberculose, não esquecendo de referir os médicos que a investigavam na altura, nomeadamente o ilustre médico e bacteriologista

alemão Robert Koch (1843-1910), que acabaria por descobrir o “bichinho”, o “micróbio”, o “bacillus” (Martins *apud* Navarro, 1884:17) causador da doença.

Não é só a sua perspectiva sobre as vantagens do clima de montanha na saúde, mas a sua visão dos benefícios que pode colher o desenvolvimento de uma região como um todo, nomeadamente através da actividade turística, que apresenta. De Davos, Martins (*apud* Navarro, 1884: 25-26) dá exemplos, como o dos

“hotéis, *pensions*, *villas* e casa de hóspedes, que actualmente funcionam no que, ha menos de vinte anos era uma desconhecida aldeia. (...) À lista de albergues juntemos ainda um excelente e vasto instituto de humanidades, o Fridericianum, no qual as creanças ameaçadas de futura tísica podem receber simultaneamente a imunidade contra tal doença e a instrução adequada às suas idades; somme-se a isso umas tantas igrejas para o culto catholico e outras para varios cultos protestantes, uma multidão de lojas, alguns clubes, cafés, etc, e digam-nos se Davos estão ou não preparado para receber o mundo inteiro) ”.

Contudo, não esquece que “Para o caso de Davos, em que a acumulação de hotéis no mesmo ponto e a de hospedes no mesmo hotel vae sendo assustadora”, há que ter cuidado com essa sobrelotação do espaço, mais propício a que “micróbios específicos” (Martins *apud* Navarro, 1884:29) se propaguem ainda mais. Logo, surge a ideia em Sousa Martins e em Serrano, um colega da secção médica de 1881, da necessidade de encontrar uma alternativa à que poderia vir a ser uma sobrelotada estância: “é mister desacumular Davos” (Martins *apud* Navarro, 1884:29).

A alternativa, a “concorrência” ao “Sanatório de Davos – Platz” (1884: 24), é precisamente “a mais alta serra portuguesa”. Daí a Expedição de 1881, e a ideia de fazer nascer “num planalto da Serra” o “observatório meteorologico em que vive, paciente como um beneditino e desinteressado como um franciscano, o bom do Augusto Capello, e a esplendida toca de granito em que se acoita, qual eremita serôdio, o adorável César Henriques” (Martins *apud* Navarro, 1884: 26-27). Sousa Martins havia requerido ao governo, com Brito Capelo, um posto meteorológico na serra, para analisar o clima, dada a importância que então a ele se atribuía para a cura da tuberculose.

Acima de 700 metros da Vila de Manteigas, “O observatório metereológico do *Poio Negro* foi fundado seis mezes depois de realizada a grande expedição de 1881.” (Navarro, 1884: 122). Apesar de se ter verificado que o clima da Serra não era inferior ao da Suíça, os registos do observatório comprovavam que o vento era “menos propicio (...) Foi isso igualmente o que determinou esta excursão complementar de Sousa Martins” (Navarro, 1884: 122). Daí a necessidade de o médico fixar outros “três pontos, para n`elle se estabelecerem postos anemográficos e udometricos”, onde “o vento não é violento” (Navarro, 1884: 122). O observatório foi inaugurado oficialmente em 1888, e ali estiveram instaladas diversas barracas para apoio aos doentes.

De acordo com o Autor, Sousa Martins trabalhou *affincadamente* para estabelecer *postos sanitários na serra, como os da Suissa*, embora soubesse que as suas aspirações não corresponderiam a uma rápida resposta do governo, sobretudo para quem estava doente. Navarro descreve a proposta/sonho de Martins, que também seria a dele, no sentido de se construírem *casas, nos agrupamentos de penedias*, como a de César Henriques, perto do *Poio Negro*, onde se poderia fazer *um palácio de dois andares, com acomodações numerosas*, bem como no *Corgo das Mós*, entre *outras penedias*.

Dificuldades várias desviaram a atenção para a cidade da Guarda, onde se veio a construir o Sanatório com o seu nome.

4.3. Outros viajantes portugueses na Serra

4.3.1. Emygdio Júlio Navarro (1844-1905) - *Quatro Dias na Serra da Estrela, Notas de um Passeio*

“A phtysica tem hoje, só à sua conta, a quinta parte dos falecimentos das villas e cidades. É um monstro insaciável! Sobre as famílias, onde os filhos são creados com os maiores mimos, é que ella desce mais desapiedada! Rosas desfolhadas ao abrir da aurora, lyrios pendido no hastil. Luctemos! (...) O auxilio official será insufficiente e improficuo, se não fôr acompanhado da opinião publica. O meu empenho foi principalmente este: vulgarizar uma ideia altamente utilitária, e mostrar ao mesmo tempo, por uma descripção amena mas fiel, que a serra da Estrella tem belezas, que adoçarão de sobejo os rigores do quasi desterro, a que se condemne voluntariamente quem alli vá procurar remedio para um desterro inexorável e pavoroso – a morte!” (Navarro, 1884: 184-185)

Emídio Navarro, ministro (de 1886-1889) do Rei D. Luís I (1861-1889), foi também jornalista e escritor. Em 1884, escreve a obra *Quatro Dias na Serra da Estrela, Notas de um Passeio*, editada um ano após a *excursão*. “Escriptas em Luzo”, as *notas* foram “originariamente publicadas”, sob a forma de *cartas* no jornal “*Correio da Noite*” (Navarro, 1884: V).

Dos vinte e dois capítulos que compõem esta obra, os quatro primeiros são dedicados ao Luso-Bussaco, onde o narrador se encontrava de férias. O narrador, no final do quarto capítulo, informa-nos sobre o que o leva a viajar para a Serra. Conta-nos, deste modo, que o Dr. Sousa Martins, de passagem pelo Luso, se encontra com ele por acaso, surgindo daí o convite do médico para que Navarro o acompanhasse numa “excursão” (Navarro, 1884: 47) à Serra da Estrela.

Deste modo, é o médico que convida Emídio Navarro como companheiro do *passeio* de onde surgirão as *Notas*. Compreendemos, assim, que a “Carta-Prefácio” da obra de Navarro seja escrita por Sousa Martins. Este ilustre cientista define-se como “um bisonho recruta de letras”, confessando a que diz ser a “sua absoluta incapacidade para a cultura de espécie *antecoloquio*”. Contudo, apesar do tom humorístico, é em termos muito eruditos que discorre sobre os benefícios, mas também sobre os cuidados a ter numa estada na montanha, seja ou não ela a “cordilheira beiroa”, para com os doentes de *phtysica* ou outros (Martins, in Navarro, 1884: I e 31).

O narrador dá-nos pormenores da preparação da *excursão*, em Agosto, muito longe dos preparativos de quem vai actualmente à Serra, com o objectivo de aí permanecer, com equipamento de desporto muitas vezes altamente sofisticado, embora ainda haja felizmente aqueles que (e às vezes até no inverno, só para desfrutar de um bom nevão), se apresentem espontaneamente preparados, da forma que se parece à que se segue. Dá-nos igualmente informação sobre os seus participantes.

A *excursão* era, assim, composta pelo médico, por Navarro, que se junta a Sousa Martins: “Faltavam vinte minutos para a partida do comboio”, na estação de “Luzo”, após ter arrumado, “num pulo” que deu a casa, “um bom cobertor, um lençol e uma travesseirinha, para as dormidas ao relento (...) alguma roupa branca e *viveres* de conserva (...) uma carabina (...e um) pau ferrado” (Navarro: 1884: 48). O terceiro participante era o médico Carlos Tavares, “homem de sciencia séria e austera” que, tal

como Navarro, se tinha juntado, a convite de Martins, também algo precipitadamente em Lisboa e por isso “se apresentava de sobrecasaca e sapato fino, parecendo-lhe que o solo granítico da serra seria liso e macio como o betume granítico dos passeios do Rocio”. Navarro ainda comenta irónica e humoristicamente a Martins que temia que aquele homem, “franzino e languido (...) assim entrajado”, aquele “peralta”, ainda lhes ficasse “por lá feito aos bocados (...) Mas o caso é que voltou inteirinho. Outro tanto não sucedeu aos sapatos!” (Navarro: 1884: 48-49). Tavares fará a cobertura fotográfica do evento.

Explica o narrador que “Assim foi, que parti para a serra da Estrella, excursão de que prometi dar conta, porque (...) ha n`ella um capitulo de alto valor humanitário e scientifico” (Navarro, 1884: 49). Mais adiante, voltará a re-afirmar “o espírito “humanitário e scientifico n`esta empreza, a que Sousa Martins se votou com tanto fervor como desinteresse” (1884: 122). Por outro lado, os três excursionistas juraram que haviam de descobrir “pelos menos três segredos (...) um por cada cabeça (...) o *segredo* de **Mangualde**, o de **Gouveia**, o da *lagoa escura* e o da *geleira*”, embora tivessem conseguido apenas descobrir verdadeiramente “os dois primeiros”, visto que “Os dois últimos *achámo-los* mas não os *desatámos*”, recomendando para futuros exploradores o da “*geleira*” (Navarro, 1884: 49 e 130).

O narrador esclarece que “Sousa Martins traçara o seu plano de campanha, em ordem a atacar a serra por **Gouveia**” (1884: 51). O Autor recorda os inconvenientes que poderiam advir de outras escolhas, dando exemplos de outras opções de exploração da Serra que foram tomadas, quer na grande Expedição, quer posteriormente por outros exploradores e cientistas, o que nos dá ideia do impacto da grande Expedição de 1881 na sociedade da época. No entanto, a Sociedade de Geografia ter-se-ia desviado dessas “*boas inclinações*” científicas, o que Navarro, como “amigo” de Martins e “socio fundador” da mesma, crítica, expressando o desejo de que esta voltasse ao “bom caminho” (Navarro, 1884: 52). Por outro lado, informa-nos das distintas possibilidades que se apresentam, ainda actualmente, de ascendermos à Serra, embora as dificuldades hoje em dia terem sido ultrapassadas pelos meios de que dispomos. Ouçamos Navarro (1884: 51-52):

“O grosso da grande expedição, que ha dois annos foi à Estrella, atacou a serra por **Manteigas**, (...) tendo para isso de ir à **Guarda**, retrocedendo depois para occidente quarenta e três kilometros, o que da oitenta e seis kilometros de perda em distancia, sem correspondente aproveitamento de tempo e comodidades de viagem. A subida por Ceia, além de muito trabalhosa, e longa, tem por inconveniente o ficar muito distante da linha férrea a base das operações. Por Ceia atacou a serra, já este anno, uma caravana de cerca de vinte rapazes, quasi todos de Lisboa, capitaneados pelo snr. Conde da Anadia e seus irmãos. Investiram valentemente com a serra, montados em burricos, por lá passaram uma noite, debaixo de uma grande tenda de campanha, mas parece que voltaram logo. (...) esta empresa merece menção de louvor, pelo esforço que representa em rapazes, mais dados ás *escarpas* do Chiado que ás bravezas serranas da Estrella, e pelo incitamento que fica constituído a futuros commetimentos. (...) A ascensão pelo lado de **S. Romão** é ainda menos recomendável, que pelo lado de **Cêia**. Também lá me disseram, que uma caravana de oito indivíduos (...) atacára este anno a serra por esse lado, chegando às **lagôas** e aos *cantaros*. Além d`essa *expedições* tive mais noticia das efectuadas pelo snr. Dr. Marques Barreiros, então juiz de direito em Gouveia (...) e pelo snr engenheiro e geólogo Frederico Vasconcellos Cabral, que encontrámos na serra e ainda lá deixámos ficar, dormindo numa tenda, apesar da sua idade já avançada (...) parece ter feito uma descoberta geológica da mais alta importância: nada menos que a demonstração authentica da existencia (...) dos *terrenos* ou *época glaciaria* em o nosso paiz (...) e

considerava um grande favor do ceu o ter-se-lhe deparado, no seio da Serra da Estrela, um cavalheiro bastante prendado e obsequioso para lhe tirar umas fotografias da tal *demonstração*, que ele achou, e cujos merecimentos, em prioridade de descoberta, lhe pertencem incontestavelmente⁶ (...) Como se vê, o gosto pelas expedições e excursões á serra da Estrela começa generalisar-se; e de razão é que assim succeda, porque os Herminios, se não têm a magestade dos Alpes e dos Pyreneus, têm todavia grandeza e magnificencias superiores a muita coisa, que a gente vai ver lá fora à custa de muito dinheiro e fadigas.”

O primeira *segredo* que descobrem, descoberta essa atribuída a “Souza Martins”, é que, ao decidirem atacar *a serra por Gouveia*, por estar indicada a localidade nos “guias ferro-viários” “como uma estação de caminho-de-ferro da Beira-Alta” foram “dar fundo a Mangualde, que fica muito para cá”. Ou seja, apesar de haver “uma estação chamada *Gouveia* quem (...) n`ella se apeiar, não tem meio de se fazer transportar para a villa d`aquelle nome, a não ser que se resolva a andar de mala às costas, e a pé, três léguas de caminho bravio, sem caminho nem carreira! (...) não é muito de admirar, que a linha férrea da Beira Alta esteja dando apenas um rendimento, que mal chega, se chega, para as despezas de exploração” (Navarro, 1884: 53). Estas reflexões sobre a forma como se realiza a gestão dos transportes e a ausência de informações (linhas de caminho-de-ferro ou estradas) ainda são muitas vezes actuais, passados séculos.

Já a “villa de **Gouveia**”, para Navarro (1884: 53-54) está:

“collocada n`uma situação deliciosa (...) faz parte dos primeiros contrafortes da Serra da Estrela. É lavada de ares (...) e também podia ser lavada de águas, porque as tem em grande abundancia, servindo parte d`ellas para motor de algumas fabricas importantes que a villa possui. Domina uma grande parte do valle do Mondego. Apesar destas excellentes condições naturaes, mal se entra na povoação, percebe-se logo pelo olfacto, que ella é soffrivelmente suja. Algumas centenas de passos andados, adquire-se a convicção que ella é imunda. O typho, que tão cruelmente tem dizimado a villa de Manteigas, foi importado de Gouveia, onde a epidemia andou primeiro cerca de um anno e meio, fazendo alguns centenares de victimas. (...) Em Manteigas desenvolveu-se ella rapidamente (...) porque, sendo peor ainda que Gouveia, no tocante a desleixos e porcarias dos homens, no desfavor da natureza não podia ser mais maltratada. (...) Manteigas está no fundo de um covão medonho.”

Apercebemo-nos como estas povoações sofreram o impacto da industrialização e, por outro lado, como a falta de estruturas, entre elas as de saneamento básico, problema comum em Portugal, mas também noutros países europeus da época, dava origem a muitas doenças, sendo recorrentes até meados do século XX.

Navarro relata ainda que (1884: 54-55): “Em Gouveia appareceram-nos o snr. Alfredo Cesar Henriques, doente de Sousa Martins, e o snr A. Brito Capello, director do observatório da serra (...) Cesar Henriques estava na serra a seus conselhos, havia anno e meio, a tratar-se de uma pthysica, de longa data manifestada, e que resistira a alguns invernos passados na Madeira. (...) A. Brito Capello presta-se a dirigir, sem ajudante, o observatório meteorologico da serra da Estrela.”

O segundo *segredo* revela-se ainda em Gouveia, quando descobrem que o filho do “dono da hospedaria”, onde se haviam alojado, era o jornalista Barros Lobo, que utilizava

⁶⁶ Na Nota final, *Documentos Glaciaros*, o narrador dá conta da polémica científica em torno deste tema.

o pseudónimo de *Beldmonio*. Navarro considera-o um dos “moços mais esperançosos da nossa litteratura” (1884: 56). Após “a aquisição de munições de bôcca”, feita no dia anterior, partem então para a Serra, montados em cavalos, “às dez horas da manhã, debaixo de um calor de abrasar” (1884: 57). Recordemos que esta expedição se realiza no mês de Agosto. O Autor recorda que a “serra de Gouveia faz parte da cordilheira da Estrella e toma aquelle nome da villa, que tem ao sopé. A cumiada, que tem o nome de *Santinha*, está 1: 600 metros, conta redonda, acima do nivel do mar”. (1884: 54-55). Cavalgam diversas *cristas* de *môrros*, que não parecem ter fim, depois de, logo no segundo, deixarem de avistar “**Gouveia, Moimenta da Serra, Santa Marinha, Cêa**, etc.” (1884: 60).

Após uma longa digressão, com base nos ensinamentos transmitidos por Sousa Martins, aquilo que o Autor chama “o capitulo de interesse humanitário e scientifico”, sobre o problema da tuberculose e do *micróbio* ainda não descoberto, bem como dos benefícios que parecem advir do ar rarefeito da altitude, descobertos na Suíça, e praticados há *dez anos* em *St. Moritz* (*altitude 1:800 metros*) e *Davos Platz* (*altitude 1: 500 metros*); sobre o facto de Sousa Martins não ter esquecido o objectivo da iniciativa que o tinha levado a realizar a expedição de 1881, exaltando Navarro o investigador que tinha rejeitado benesses políticas, apenas desejando dedicar-se à ciência; finalmente, os excursionistas chegam “à cumiada da serra de Gouveia”:

“Cá estamos no alto! Soberbo espectáculo! O macisso da cordilheira apparece-nos em toda a sua rude magnificência. Lá ao longe, ainda a um bom par de léguas, ergue-se a *torre*, que assim chamam os pastores à grande pyramide, mandada levantar em 1802 no ponto mais alto da serra; ao lado esquerdo da *torre*, vêem-se surgir as cabeças escuras e esfumadas dos dois *cantaros* [o Gordo e o Magro]; por toda a parte, ravinas profundas, covões medonhos, fragões de granito de dimensões colossaes; e a neve, a neve que a expedição de 1881 já não pôde encontrar, esmaltando com largos lencoes alvíssimos o fundo remoto d’aquella grandiosa paisagem! Esqueci todas as fadigas (...) Viva a serra!” (1884: 70):

As reflexões que Navarro tece sobre *Observatório Metereologico do Poio Negro*, dá-nos ideia de como a ciência e os cientistas são tratados em Portugal, fazendo ressaltar a abnegação dos mesmos em prol da ciência. Estabelece mesmo a comparação com os *empregados do observatório de Puy du Dôme*, que não se resignariam a tais condições, “por puro amor da sciencia e de bem servir o seu paiz” (1884: 88), como é o caso dos portugueses. Assim, considera o espaço em que se encontra em 1883 (que pensamos, dado o estado em que se encontrava, tenha sido intervencionado posteriormente, para ser inaugurado em 1888) da seguinte forma (1884: 88-89):

“A casa do observatório é um verdadeiro pardieiro (...) construída sob a direcção do governo. Custou um dinheirão, está claro. Consta de um só pavimento (...) ao rez do chão (...) As paredes são de granito, grosseiramente aparelhado, e sem nenhum cimento nas juntas das pedras. (...) O vento, a neve e a chuva entram por essa juntas, que era um regalo. (...) A cobertura exterior era de folha de zinco, mas sem serem sobrepostas, o que dava em resultado entrar também por ali a agua e a neve em grande abundancia (...) O melhor e o mais resguardado aposento d’aquelle desnudado e desabrigado pardieiro (...) é destinado aos aparelhos telegráficos, e a alguns instrumentos mais delicados. (...) Sobese para (...um) terraço por uma escada grosseira, de granito, de vinte degraus. As caixas dos aparelhos (metereológicos) estão chumbadas ao granito. É ahi que Brito Capello vae fazer as suas observações, quando muitas vezes a neve, de mais de um metro de altura,

nem deixa perceber os degraus da escada, e o vento ameaça arrastal-o até ao fundo do covão de Manteigas nas suas arrancadas furiosas. Brito Capello acha esta sua dedicação e abnegação muito naturais, e deseja ardentemente, que o governo mande construir outro pardieiro semelhante no ponto mais alto da Estrela (...) a mais 550 metros de altitude, só porque esse observatório, colocado no ponto mais culminante da parte ocidental da Europa, como sentinela dos temporais do oceano atlântico, deve ser do mais alto interesse para a ciência!”

Afirma que no Observatorio há “telegrapho em comunicação com a estação de Manteigas” que seria posto “à disposição dos *touristes*”, bem como Correios, na mesma vila, e “fornecimentos mais necessários”. Para outros de maior importância, Gouveia e a Guarda seriam uma alternativa (1884: 82). Não sendo o local um *deserto*, chama a atenção para a possibilidade de aí se fazer turismo, mesmo na *estação de verão*.

Já a “Casa de César Henriques”, que este tinha construído para se tratar, desde 1882, Navarro considera-a de *fino gosto e originalidade*, sendo esta que lhes serviu de apoio. Nela, Sousa Martins recolheu os *registos thermographicos* que o seu paciente registava diariamente, *dentro de casa*, para estudar a variação de temperatura na *Serra* (menor que na Madeira e na Suíça), para o seu Relatório, pois eram diferentes da do próprio Observatório. As paredes de granito, com três e quatro metros de grossura, conservavam a “desejada igualdade de temperatura, por serem quasi absolutamente impenetráveis ao frio e ao calor” (1884: 80).

Esta menor oscilação de temperatura era mais favorável aos doentes com tuberculose, bem como uma temperatura que se mantivesse a *zero*. As melhoras de César Henriques, que entretanto se dedicara à fotografia, irão ser comprovadas pelos três médicos, que o auscultam, nomeadamente Carlos Tavares, Sobral e Sousa Martins, que pensa dar alta ao seu doente no ano seguinte: “a medicina declara triunphante que o phytico está muito melhor” (1884: 177).

O Autor indica-nos caminhos, tentando guiar-nos na Serra, com indicações o mais precisas possíveis (*à esquerda, à direita*, a altitude), incluindo referências a outros lugares visitados ou avistados, por onde andaram a pé e montados em cavalos, acompanhados de guias e criados. Acamparam, no meio da natureza, e fizeram recolha fotográfica. Entre estes lugares destacam-se: as *Rochas Estriadas e Penedos Erráticos no Covão Grande* (onde o geólogo Frederico A. de Vasconcellos Pereira Cabral encontrou vestígios/*documentos da época glaciaria*, tendo Navarro ressaltado a importância dessa descoberta no local e na *bacia do Zêzere*); as **Lagoas**, entre elas a *comprida* - que parece, pelas *plantas aquáticas* que a cobrem, *escura*, considerando-a uma *lagôa de rãs* - e a *escura*, de *agoas límpidas*, mas com a sua *lenda/o seu segredo*, que a expedição de 1881 arrasou - houve quem mergulhasse nela, e nada aconteceu - visto que a lenda afirmava a lagoa *não tinha fundo, tinha comunicação com o oceano, e nela apareciam monstros invisíveis*, mas onde, surpreendentemente, assistiram a um fenómeno inexplicável, relacionado com o afogamento de uma santa, que ali teria morrido (1884: 110). O **Poio da Morte**; o **Fragão do Corvo**; o **Corgo das Mós**; as **Penhas Doiradas**; o **Curral do Martins**; o **Valle do Conde**; os **Cântaros Gordo** (na *base obeso*) e **Magro** (na *base esguio, hospital das ovelhas doentes*, para os pastores, 1884: 148-149); as **Penhas da Saúde**; a **Torre**.

Na **Torre**, em 1881, Sousa Martins e dois companheiros teriam deixado, num *buraco* de rocha, um *termometro de registos thermographicos*, para medir a temperatura mínima no alto da Serra, mas que, para desespero do médico, não será encontrado nesta expedição, dado que havia sido roubado por um pastor. A **Torre** “marca o ponto mais

culminante da Serra da Estrela”, e o narrador descreve o panorama e as cidades e povoações que rodeiam este lugar, da **Covilhã** ao **Fundão**, da **Guarda** – “a cidade mais alta da Europa, com 1000 metros de altitude”- a **Gouveia**, **Moimenta**, **Cêa**, **S. Romão**. Relata que o “nascer e o pôr do sol são ali de uma inexcedível magnificencia”, sobretudo o nascer do sol, quando as brumas se vão dissipando e dão azo a “aspectos fantásticos e motivo a impressões extraordinárias” (1884: 139-141).

Refere ainda que esta “grande esplanada (...) não é de superfície inferior a um kilometro quadrado”, e nela pode desfrutar-se uma “variedade infinita de cambiantes”, servindo para “lhe multiplicar o esplendor natural, as perturbações produzidas no olhar pela rarefação atmosférica”, “que semeiam de corpúsculos luzentes todo o campo visual”, havendo por vezes contrastes entre “Em cima, um ceo puríssimo, uma atmosfera placida”, e “Em baixo, uma trovoada medonha.” (1884: 140-141)

Enumera igualmente o tipo de orografia da Serra: as *corcovas* e *depressões*, com os seus *covões profundos*, os *poios encastellados*, as *penedias caprichosas*, as *geleiras fridas*, as *pradarias de esmeralda*, os *pequeninos valles doirados pelo sol*, que são *veigas largas e fertilissimas*, as *gargantas medonhas*, por onde correm *abundantíssimas aguas* que fertilizam os campos, mas também *alimentam numerosas fabricas* (1884: 139-141). Estabelece também analogias com diferentes locais de Portugal, para dar uma ideia do espaço, dado que (1884: 136-137):

“Á mingoa de fotografias, isto bastará para os meus leitores ficarem conhecendo a esplanada superior da serra, quasi como se a tivessem visto. Não deixo por mãos alheias os meus merecimentos na perfeição descriptiva! A *torre* não está bem no meio da esplanada. (...) É uma grande pyramide quadrangular, feita de pedras de granito, sem nenhum reboco ou cimento, tendo na face voltada para o norte uma inscrição, que atesta haver sido levantada no anno de 1802, por ordem do serenissimo e muito poderoso principe⁷...É melhor não o nomear!”

Ao contrário do que acontece actualmente, mesmo no Inverno, por causa da alterações climáticas, em Agosto ainda encontraram *neve*, para delícia dos viajantes. Alguns, como para Carlos Tavares, que “nunca [...] tinha visto nem apalpado em dias da sua vida” - estes locais “cheios de neve, formando vastas geleiras”, nos “covões e ravinas próximos da *torre*, e especialmente os situados nas regiões dos cantaros (...)”, fez a delícia dos viajantes, não deixando contudo de advertir o Autor para o perigo das *geleiras* e dos *grandes nevões*, em que “todos os signaes de caminho, de ravinas e precipicios desaparecem. Á vista parece tudo uma superfície lisa (...) É esse o grande perigo das jornadas por serras cobertas de neve (...) o caminheiro não vê o trilho, e, de repente, põe um pé em falso, e lá vae elle por um barrocal abaixo, onde a neve fofa, e de alguns metros de alto, lhe abre a sepultura” (Navarro, 1884: 126-127).

Navarro discorre sobre as “duas formas predominantes na neve”: a “forma de flóco, e a forma granular”, sobre a *geada* e o *gêlo*. Em relação ao *gêlo*, explica que a “massa vítrea, crystallina e rija, que toda a gente conhece”, “não resulta imediatamente da neve”, nem como as lagoas congelam, e “é vulgar em algumas povoações do norte do nosso paiz, e na Beira-Alta, verem-se os beirões dos telhados com longas stalactetites de *gêlo* penduradas, de um formoso aspecto” (Navarro, 1884: 129).

⁷ Pela data, pensamos ter sido o príncipe regente, e futuro rei, D. João VI (1792/1816-1822).

O Autor relata outros perigos naturais da Serra, como as *avalanches*, os *precipícios* e as *tormentas*, as *soberbas trovoadas*, mas também as maravilhosas paisagens, como as das nascentes dos rios, como o Zêzere, com as suas belas trutas, ou o Mondego e o Alva, de onde se extraía ouro, no tempo dos Romanos. Como num bom relato oitocentista, à maneira queirosiana, não faltam as descrições das *comezainas*, como as de trutas e *cognac*, finalizadas magistralmente com vinho do Porto e café. Já o alimento *principal* dos pastores, e também dos seus cães, é “uma caldeirada de sopas de leite” (1884: 162), leite esse que chegaram a repartir, com generosidade, pelos membros da expedição.

Navarro descreve igualmente a **fauna**, os *grandes rebanhos*, de ovelhas brancas, mas sobretudo de *ovelhas negras*, mais características, e de cabras, em menor quantidade. Fala-nos dos cavalos e das *egoas*, dos *cães típicos* da Serra, com as suas *coleiras de puas de ferro*, que são mesmo um *quebrar de dentes* e um *rasgar de carnes*, para defenderem os rebanhos e se defenderem dos lobos. Refere as cobras, as víboras, os abutres, as águias, os lobos. E a **flora** (como as *urzes*, o *zimbros rasteiro*), para ele *pobrissima* (1884: 106). Assim, ao contrário de quem a vê actualmente, “Na serra da Estrela, que se póde dizer completamente nua de arvoredo (...) o teixo vive muito acanhado e modesto”, ao inverso do que acontece quando “cultivado em parques”(1884: 106). Por isso, havia que arborizar a Serra, para o estadista.

Navarro vai ajudar-nos a compreender o que virá a ser a posterior iniciativa, no que respeita à arborização e desenvolvimento da Serra da Estrela pois, nesta viagem, como “*simples touriste*”, destaca “não ser o clima da serra inferior ao de Davos-Platz, na Suíça” (1884: 122). Por analogia com a “moda” dos Alpes, médico e político vão tentar conjugar esforços, no sentido de incrementarem as bases onde saúde (o turismo de saúde) e natureza (turismo de natureza) se associassem e se desenvolvessem, em Portugal.

Sousa Martins também tinha, segundo Navarro, não só preocupações com a saúde, mas também com o que virá a ser o turismo de saúde e o de natureza. Tentemos perceber como é que o estadista e o médico, empenhados neste propósito de desenvolvimento, envolvem também as autarquias e os habitantes locais (entre eles, os pastores, muitos deles ainda hoje causadores de queimadas/fogos, para terem pasto para o gado caprino e ovino), no sentido de tentarem transformar a *Serra* naquilo que actualmente ela é, inclusivamente preservando a sua fauna e flora autóctones, ou construindo melhores acessos para este lugar.

O pequeno trecho que se segue sintetiza igualmente, quanto a nós, toda a obra de Navarro, na via do desenvolvimento e do *progresso* de Portugal, tendo dado um impulso decisivo ao país, na altura em foi Ministro das Obras Públicas e dos Transportes do rei D. Luís I, nomeadamente ao turismo português (p. ex. não esqueçamos como foi ele que desenvolveu, junto com a Sociedade da Água de Luso, a estância termal de Luso, *vide* Leitão, 2022), pois desejava fazer do país *um museu a céu aberto*. Também podemos perceber como a *Serra* foi reflorestada, mudando assim a sua *paisagem*, de forma a aproximá-la mais das estâncias suíças e dos seus benefícios. Ouçamos Navarro (1884: 33-35 e 123):

“Na volta da Serra, o Sousa Martins e eu assaltámos o Silvestre de Lima [cuja responsabilidade era “a superintendência suprema das mattas do reino”], para mandar para ali [Serra da Estrela] um fornecimento de árvores [...]. Duzentas árvores, escolhidas entre as *coníferas* por serem as mais apropriadas áquella altitude [...] É um principio de arborisação que oxalá se generalise! A boa vontade da câmara municipal de Manteigas vae ser posta em contribuição para ajudar ao plantio e resguardal-o [...] os pastores que

frequentam aquella parte da serra, serão chamados a uma assembléa, para solemnemente jurarem, que hão-de respeitar e proteger o novo arvoredado [...] A isto se chama trabalhar praticamente na realização de uma idéa. Para seu complemento, tenciona Sousa Martins ir á Suissa, a ver se consegue insuflar uma parte da sua fe e do seu entusiasmo n`um locandeiro idóneo, que se abalance a estabelecer, por conta própria, na serra da Estrela um hotel, como muitos dos que há nos sítios mais pittorescos dos montes helvéticos [pois, se “recorresse ao bicho indígena para esse fim, ou não encontraria quem lhe desse ouvidos, ou acharia somente um bodegueiro...que se limitaria a estabelecer na serra uma reles taberna”]. Achada essa pessoa, restará unicamente construir a estrada de Gouveia a Manteigas que tem de passar perto do observatório estrada de construcção baratíssima e expropriações quasi nullas, e só de difficil traçado [...] E a serra, a verdadeira serra, a serra pittoresca e medica ficará feita!”

Navarro também deixa o apelo a mais investigação arqueológica sobre castros, na *Serra*, visto que acima de Seia há um povoado chamado *Cristello*, afirmando, após citar investigadores e locais arqueológicos, que “os castros prehistoricos não são raros em Portugal (...) não faltam por esse paiz fora” (1884, 175-176). Convida, assim, os arqueólogos a fazerem lá investigações. O arqueólogo Martins Sarmiento, que colaborou na Expedição de 1881, será um deles, estando associado à descoberta do **Castro de S. Romão**, concelho de **Seia** (Navarro deixa igualmente convite, para ele estudar o castro pré-histórico da *cumiada do Bussaco*). Actualmente, o concelho da **Guarda**, por exemplo, dá conta, na *Zona Serrana* (onde se detém *bruscamente a Serra da Estrela*, Ribeiro, 1995) do **Castro da Pedra Aguda**, do **Castro do Tintinholho**, do **Castro do Caldeirão** e do **Castro das Barrelas**, tendo no *Planalto Beirão* do mesmo concelho o Castro do Jaremelo (*apud* Pereira, Pena, 2008).

A narrativa termina em Manteigas, onde “Os meus companheiros e o Dr. Sobral foram recebidos (...) com demonstrações festivaes”. Esta vila “está no fundo de um covão, de escarpas quasi perpendiculares, de 700 metros de altura” e, segundo a “etymologia d`este nome (...) «era antigamente logar muito abundante de vacas, onde se faziam boas manteigas, de que tomou o nome” (Navarro, 1884: 180-181). A partida relaciona-se também com uma notícia, que nos faz lembrar o quotidiano português e europeu, e as preocupações dos profissionais de saúde (1884: 179-180):

“O Dr Sobral estava agoniadíssimo com o governo, que lhe mandava officios para se fechar o hospital de Manteigas, por urgencia de economias nas despezas publicas (...) A epidemia de typhos ia em decadência, mas era de temer que recruscesse no inverno, como acontecera no ano anterior. O hospital-barraca devia manter-se em activo serviço até fevereiro, pelo menos. – Eu lá vou ver isso, e em Lisboa hão-de ouvir-me! Rugiu Sousa Martins. Carlos Tavares (...) endireitou-se lesto, e partiu sem trepidar e sem hesitar. O dever medico prevaleceu sobre a eloquência supplicante dos sapatos rôtos! (...) Dispuz-me a acompanhá-los. Sousa Martins disse-me que (...) não era aquelle o meu posto (...) A politica é marfôna e de inexcediveis melindres! (...) Aproveitei o meu tempo, escrevendo um artigo de fundo a desancar o governo. Do alto da serra da Estrela, quarenta adjectivos furibundos vos fulminaram, ó ministros impuros e maléficos! ”

Toda a obra é escrita com aquele sabor oitocentista, que reúne a erudição (com todas as alusões científicas, históricas, culturais) com o utilitário quotidiano. O Autor, apesar da ironia, do humor e da crítica construtiva, revela, tal como os outros anteriormente referidos, aquele amor romântico pela Pátria portuguesa, que não deixa de nos apaixonar e seduzir. João de Araújo Correia (1899 - 1985), médico e escritor, natural de Peso da

Régua, afirmará, a propósito desta obra, e das suas “páginas flutuantes, cristalinas, de tom alegre e às vezes irónicos”: “O volume que se intitula «Quatro Dias na Serra da Estrela» é uma jóia. Eu, sempre que me apetece ler prosa leve e saborosa, abro-o e leio um capítulo. Fico satisfeito. Soube-me pela vida.” (1955: 156)

4.3.2. *Maria Angelina (?-1929) e Raúl Brandão (1867-1930) – Portugal Pequeno*

O jornalista e escritor Raúl Germano Brandão escreve, com sua mulher, em 1929, este livro, editado em 1930. No capítulo “A Serra - Coimbra”, dedicam as seguintes palavras à *Serra* (2003: 139-45):

“O que mais me impressionou na serra foi o pastor e o cão, ambos isolados, ambos hirsutos, ambos mudos. E depois a cotovia (...) ali se encontram bandos e bandos, sempre à procura de luz (...) a cotovia tem a paixão pela luz e procura evadir-se do planeta (...) Depois da ave o homem, tipo taciturno que tantas vezes encontrei no outono ou no inverno, fora da sua terra, vestido de burel, um cobertor à volta do pescoço, seguido do rebanho e do cão magro e peludo e tão desconfiado como o dono. (...) E talvez o que haja de grande na serra não seja o pastor – mas o meio em que vive; talvez seja o negrume, o céu estrelado – a comunhão entre o homem e os bichos que se entendem como no princípio do mundo. (...) Eis o que une o homem, o cão e as ovelhas: estão pertos uns dos outros - e unidos à serra. As ovelhas confiam no pastor e temem as goelas da fera que anda ali à roda à espreita, de longe vem apertando o cerco. Às vezes o pânico leva-as num pé de vento e atira-as para a massa escura que as devora. (...) Mas já uma voz grita: - Eh serrano! Eh bicho! – e já os cães farejam no escuro, com o pelo em pé, para morder no inimigo secular. O homem chama, as ovelhas sentem o perigo à roda e sabem perfeitamente que é a inteligência que as conduz e defende. (...) Ao longe ouvem-se outros latidos, mais cães arremetem furiosos – pastores falam na escuridão. Ó quem dera que amanhecesse (...) e se descobrissem lá em baixo os telhados, as casas negras de granito, duas ou três ruazinhas, e à volta os campos de milho muito verdes! (...) O pastor veste de saragoça, de preto ou na cor – jaqueta curta, e de inverno safões e pelica. Por cima a capa feita de maranha e na cabeça o chapéu braguês ou carapuça. Todos trazem o alforge, a caldeira e nas mãos o cajado. No verão dormem na serra ao ar livre, com o capuz pela cabeça; no inverno vão por ali abaixo até Coimbra ou Idanha, metendo os rebanhos às vinhas pelo estrume, ou alugando o pasto aos homens da planície. Em Fevereiro tornam. (...) Raras vezes descem à aldeia para pernoitarem nas palheiras com o gado a que chamam alavão. No princípio de Fevereiro começa-se a fabricar o queijo. No S. João, os lavradores de baixo entregam-lhes os rebanhos, chegando às vezes a juntar-se mais de duas mil ovelhas. De manhã o gado sai para fora da malhada e segue a pastoria, até ao Sanatório, por exemplo, e, depois de bater o Sanatório, toma a pastoria por outro lado e vai ter ao sítio onde há-de ficar à noite (...) Comem com a cacharra feita de buxo ou corno de boi. Comem depois os cães, e logo o maioral aponta os lugares em redondo onde as ajudas hão-de ficar. Todos os cuidados são poucos e ainda assim acontece nos grandes rebanhos, com sete homens de guarda (...) O que vale é que o cão é muito inteligente (...) Às vezes, na escuridão, as ovelhas fogem e o cão mete-as dentro da cancela. (...) Não há raça de cães da Serra – há cães educados com o pastor, o rebanho e a noite. (...) Todos os anos os pastores vendem o refugio nas feiras de Arcozelo, Carrapichana, ou na feira anual do Senhor do Calvário, em Gouveia. É aí que os vejo, no largo ou no caminho da ermida, entre rebanhos e cães. (...) Tarde. Vai sair a procissão. (...) Corre o poviléu para o Calvário. (...) Lá vem a Senhora e S. João Baptista, imagens grosseiras (...) Brilham as estrelas no céu e as mulheres cozinham a ceia ao ar livre. (...) Só um velho se põe a rir e a falar para mim, como se me conhecesse há muitos anos. – A

serra é linda! As serra é linda! (...) Medo nunca tive. (...) Tenho saudades daquilo tudo... (...) A serra, continuação do espinhaço da península, divide Portugal de norte a sul, e, com diversos nomes, prolonga-se e vai até Sintra debruçar-se sobre o mar. Lá em cima sobre esse pedestal domina-se o mundo e a gente sente-se defendido por uma fortaleza inexpugnável. (...) ninguém olha pela primeira vez os Cântaros sem sentir o coração oprimido. Surgem entre fragões e covões (...) Perto ficam as lagoas, onde os pastores ouvem o rebramir do oceano e encontram destroços de navios que deram à costa. Em toda a chapada da serra, nua, mordida pelo vento e descarnada pela chuva e pela neve, a vegetação é rasteira e o silêncio sepulcral. Do lado do Alva a penedia prolonga-se para o horizonte, e os socalcos dos rochedos nunca mais acabam, A este, o solo desce para o vale do Zêzere. Fendas pedras, destroços de uma grande convulsão (...) o Cântaro Delgado foi atirado pelos ares e, depois de subir a uma altura descompassada, caiu ali e sustenta-se por milagre. (...) vagas de montanhas seguindo todos os rumos e impelidas por todos os ventos. A impressão é para toda a vida (...) No inverno, tudo isto fica branco; Sabugueiro, que mal se distingue naquele fundo, desaparece enterrado na neve. (...) No Sanatório, montes duma cor delicada com toques de carmim e de cinzento. (...) Mil e quinhentos metros de altitude – ao lado do abismo de Manteigas, por onde escorre o verde dos pinheiros até à povoação, muito juntinha. Passa ali o Zêzere, mas só lhe avisto o leito de pedras”.

4.3.3. Irene Lisboa (1892-1958)– *Crónicas da Serra*

Nascida na “Quinta da Murzinheira” (Arruda dos Vinhos), esta escritora e pedagoga portuguesa escreve, entre as décadas de 40 e 50, as *Crónicas da Serra*, editadas postumamente em 1960. Este contacto com o mundo rural beirão deve-se ao facto de, em 1940, ter sido obrigada aposentar-se compulsivamente pelo regime ditatorial português (1926-1974). Irene Lisboa, a partir deste seu exílio na pátria, descreverá, assim, as tarefas diárias e os (Mourão, in Lisboa, 1997: 9)

“trabalhos sazonais: as questões entre vizinhos pela partilha das águas, as colheitas ou a malha dos cereais pobres, milho e centeio; os fogos da serra; a criação dos animais – o porco, as galinhas e sobretudo as ovelhas, dando importante lugar aos pastores e aos seus cães; as profissões mais relevantes na aldeia – a padeira, as leiteiras que vão vender à vila, o sapateiro (...) as relações entre as famílias (...) a relação entre os velhos e os novos, as nocções tradicionais de seriedade, trabalho, solidariedade na desgraça por doença ou outra causa.”

Ouçamos algumas das narrativas de Irene Lisboa, entre elas a “História de Cães” (1997: 114-116)⁸:

“Ora, a história dos cães do Maurício começava assim: (...) Eu tinha um cão negro, como não havia oitro. Um cão valente, um cão bô. (...) Como esse cão me morresse (...) e como os lobos apertassem, tive de ir à cata de oitro. Pediram-me por ele trezentos mil reis. Cão bô! Depois criou-se bô, vá! Que o primeiro dono le dava muita fome. Só traguia

⁸ Os *Cães da Serra da Estrela*, animais que se fixaram neste lugar desde tempos remotos, é uma das raças caninas mais antigas da Península Ibérica, actualmente muito apreciada como cães de companhia e de guarda, mas que eram e ainda são companheiros indispensáveis dos pastores, pois são amigos e protectores dos seus donos, bem como guardadores de rebanhos, agindo com bravura contra predadores e ladrões de gado. Daí o seu elevado preço, antes como agora, embora haja donos que nem sempre lhes tenham dado um bom tratamento. Irene Lisboa, nesta obra, transcreve, nos discursos directos, muitas vezes em forma de uma estória contada pela personagem Maurício, o falar dos habitantes da região, que transcrevemos na íntegra, nesta e noutras passagens.

a pele e o osso. (...) Uma bela ocasião, andava o mê moço a dormir co`as ovelhas no Vale de Maria João, vêm os lobos e botam-se às ovelhas do Monteiro. De onde lá tinham dois belos cães farozes (fortes) inda mais valentes (maiores) que o meu, mas que eram pouco pressentidos. Os lobos já andavam dentro do rebanho qu`ando o azagal se pranta òs berros: agarra cão! pega cão! bota fora! (...) O Mondego (...) sente berrar òs lobos e abala de ò pé do rebanho dele, parecia um raio. Os lobos já andavam a comer uma cabra na barroca, metidos nos fétãos. Ele chega-se e mete-se à bulha co`eles. Era destemido. Depois leva-os dali sempre adiente, sempre a fugir por essa serra acima, direito a Frogozinho. Bulharam e morderam-se (...) Lá andaram toda a noite. O Mondego meteu-se no rasto deles, direito ò Panascal, e depois à Santinha, e depois direito ao Malhão, e lá os botou pelas fragas do Ò Vento, pra oita banda. Quando se enfadou tornou atão pra trás, pelo mesmo caminho (...) Já rompia a manhã. Chega à barroca onde os lobos largaram a cabra estralhaçada, pega nela e vem tragê-la nos dentes a dois cachorrinhos que também andavam com as minhas ovelhas. Luvou-os nos dentes toda aquela lonjura, de um rebanho ò oitro, e não le toucou. Chegou e atirou co`ela com`a quem diz: tomai, comende! E deitou-se, vinha enfadado (cansado). Estendeu-se ali, co`a língua de fora, e com`a que ficom morto. (...) Os cachorrinhos eram a modo de umas crianças, no entendimento dele. (...) E mê moço a ver aquilo tudo! Ele é que me contou, e contava a quem no queria oivir. (...) Com`os cachorros acabassem de comer (...) o Mondego vai, pega no espinhaço da cabra – havia ali pertelinho umas fragas – e bota-o por além abaixo. E torna oitra vez prò pé das ovelhas, tornou-se a estender. Foi uma acção! (...) Os lobos não queriam nada com ele, mas prà gente era muito manso. (...) Só le faltava falar. (...) O mê moço inté deixou de comer o leite pra lo dar, e mais o pãozinho da ceia. E não era pouca fineza. Na serra acaba-se o pão à gente mais depressa que se cuida. Eu fije-o tanta vez: deitar o mê pão òs cães e ficar sem nenhum. Mas alguns pastores há que não cuidam disso, que não dão valor aos animais que traguem.”

Associada a uma marca de água regional, a *Água da Serra da Estrela*, é sobre os efeitos da escassez de água na agricultura e pastagens que a narradora nos fala, em “Manhã na Serra”, bem como da importância de cereais, como o milho, com que se fazem as deliciosas broas, bem como do centeio, e o metucioso e árduo trabalho das mulheres:

“(...) neste Outubro estiado nem as manhãs são frias, nem as névoas demoradas, nem o vento sopra, e não chove (...) o presente Outono corre manso e seco. O milhinho criou-se bem (...) As searas de centeio é que foram muito escassas. O mal murcho, também chamado do sono, deu na batata, que ficou podre na terra ou veio apodrecer para as lojas (...) a azeitona não se vê e a erva não medra. Todos dizem mal à sua vida, mormente os pastores. Ano de muita fome! Comentam os entendidos, que aqui são todos. Se não fosse o milhinho? (...) Na minha linha de olhos quase em redondo, andam as mulheres vagarosamente e com cuidado de volta do milho, que seca ao sol. O grão alastra compacto e brilhante sobre as cobertas de trapo tecido (...) Estes lençóis de milho amarelo ou branco (aqui abunda o branco, que se mistura melhor com a outra farinha) (...) A colheita do milho e do centeio são as mais importantes destas aldeias cimeiras. A serra já está quase limpa de searas. Aliás, quanto mais se sobe, mais elas escasseiam. A azáfama destes dias de ceifa, descasca e recolha de grão, é impressionante. Trabalha-se no chão e na eira, de dia e de noite, consecutivamente, ao luar ou à luz de candeias. (...) Uma ou outra mulher ainda ali vem descendo (...) com o molho pesado do canoilo à cabeça (...) em filas lentas, famosas e formosas, cabeça abaixo e cabeça acima. Descalças sempre, com o passo calculado mas firme. (...) Depois de ceifada a cana alta do milho fica o terreno à vista com a felpazinha doce e áacre da erva, que apanhou toda a fresquidão das águas do céu

e da ribeira. Mas como este ano não veio chuva, o chão desnudado mal verdeja. Muito gado para morrer! Muito vai baixar também o mercado das ovelhas! Que é dos pastos?” (1997: 70-73)

E, em “A Serra a Arder”, o drama dos incêndios florestais, do fogo posto, intencionalmente ou por descuido:

“Oito dias andou o fogo na serra sem ninguém o poder apagar. Naquele tempo estava tudo seco! Eram já uns tantos de Agosto, talvez foxe mesmo entrado o Setembro. Foi uma desgraça pró gado, que andava todo pelos altos. (...) No povo, uns havia que dijam (...) que era ir prà justiça e outros qu`era deixar passar (...) Apagavam-no agora, acendia-se logo. As borralhas alevantavam-se e tornava tudo a arder. Enq`anto não chove não se pode deixar atravessar aquele cinzeiro. Umas ovelhinhas botam barriga, outras queimam-se. É um perigo se calha ò gado e mesmo o homem passar por cima de onde andou o fogo. Aquela terra fica a arder por baixo. Vai ardendo, vai ardendo... (...) Enqu`anto não chove, aquilo é um perigo.” (1997: 106-107)

4.3.4. *José Maria Ferreira de Castro (1898-1974) – A Lã e a Neve*

Jornalista e escritor português, natural de Oliveira de Azeméis, este autodidata e grande viajante, por boas e más circunstâncias da vida (a primeira dessas viagens órfão, com onze anos de idade, para o Brasil), escreve em 1947 o romance *A Lã e a Neve*. Neste, relata o modo de vida das populações que vivem no clima agreste da Serra da Estrela. O romance desenrola-se em plena Segunda Guerra Mundial (1939-1945), durante o tempo da Ditadura em Portugal (1926-1974), tendo como enredo a vida de um humilde pastor que vive em Manteigas e que almeja ser operário numa fábrica da cidade fabril da Covilhã, na busca de um melhor salário que lhe permita casar e viver com dignidade. As suas expectativas e dos seus camaradas da fábrica de tecelagem irão ser goradas, pela realidade de então. As temáticas mais relevantes sobressaem na tripartição da obra: a *Primeira*, intitulada “Os Rebanhos”; a *Segunda*, “a Lã e a Neve”; a *Terceira*, “A Casa”.

De realçar neste romance a descrição dos hábitos e costumes do viver na Serra, no passado, que contrastam cada vez mais da realidade presente. Esta narrativa passa-se no tempo do apogeu da indústria mecânica. Logo, para além dos costumes, das descrições de paisagens e da vida agrícola, dos perigos da neve, ou de uma vida de pastorícia que ainda se realiza, estes poderão ser conteúdos literários enriquecedores da *Rota da Lã*, rota turística promovida pelo Turismo do Centro de Portugal.

Daí que nos pareça importante que, com Ferreira de Castro, conheçamos a evolução total de um processo que, de artesanal passa a mecânico. No “Pórtico” que antecede a obra, o Autor faz uma magistral introdução a essa “evolução”, o que nos permite ficar com uma ideia abrangente da actividade que se desenvolvia na Serra, antes dela ser também considerada um destino de saúde ou turístico. Nele, o Autor conta-nos, não uma *estória* individual, mas a História da região da lã e da neve, nestas magistrais palavras (1985, sem pp):

“Os primeiros teares criaram-se, em já difusos e incontáveis dias, para a lã que produziam os rebanhos dos Hermínios. O homem trabalhava então, no seu tugúrio, erguido nas faldas ou a meio da serra. No Inverno, quando os azagais se retiravam das soledades alpestres, os lobos desciam também e vinham rondar, famintos, a porta fechada do homem. A solidão enchia-se dos seus uivos e a neve reflectia a sua incomensurável sombra. A serra, porque só a pé ou a cavalo se podia vencer, parecia incomensurável (...)

e de todos os seus recantos, de todos os seus picos e refegos brotavam superstições e lendas – histórias que os preguiçosos contavam ao lume, a encher de terror as noites infundas. (...) O homem viera para ali há muitos séculos, mas poucos tinham sido e poucos eram ainda os que levantavam o seu abrigo de granito nos sítios mais propícios; e, quando o faziam, achegavam-se uns aos outros, como se quisessem defender da bruteza circundante. (...) No começo do Verão, antes de demandar os altos das serras, ovelhas e carneiros deixavam, em poder dos donos, a sua capa de inverno. Lavada por braços possantes, fiada depois, a lã subia, um dia, ao tear. E começava a tecelagem. O homem movia, com os pés, a tosca construção de madeira, enquanto as suas mãos iam operando o milagre de transformar a grosseira matéria em forte tecido. Constituíam o acto uma indústria doméstica, que cada qual exercia em seu proveito, pois a serra não dava, nessas recuadas eras, mais do que lã e centeio. Pouco a pouco, porém, foi sendo tradição do reino que os homens da Covilhã e suas redondezas eram mestres, como nenhuns outros, em tecer (...) Então, os monarcas e seus acólitos acabaram atentando nesses tecelões dispersos pelas abadas da serra.; e com ordenações, pragmáticas, alvarás e regimentos, ora os estimulavam em seu solitário labor, ora os constrangiam sob pesadas sisas. Da Flandres vinham panos concorrentes (...) apesar disso, os humildes teares continuaram a mover-se, alimentandos pelos rebanhos da Estrela. (...) Depois, Portugal descobriu longínquas terras e também a rota marítima da Índia; e houve que vestir a muitas gentes exóticas, a troco do que elas, forçadas ou voluntariamente, entregavam aos descobridores. E os teares da serra multiplicaram-se. (...) Mas um dia, na Covilhã, ergueu-se uma casa maior do que a de deus. Era a primeira fábrica de tecidos. Muitos tecelões deixavam a faina individual e iam trabalhar em conjunto. Da Inglaterra e da Irlanda chegavam outros homens para lhes ensinar os últimos progressos da sua arte. A lã da Serra já não chegava; ia-se mercá-la ao Alentejo e a outras terras do país. E os teares começaram a vestir os exércitos reais. Cada século aportava novos aperfeiçoamentos à tecelagem e levantava novas fábricas nas margens das duas ribeiras que desciam da serra, cantando, a um lado e outro da cidade. (...) Um dia, tudo se revolucionou (...) Lá nas nevoentas terras inglesas o padre Cartwigh inventou o tear mecânico (...) A água, fazendo girar grandes rodas, começara a produzir o movimento dado, até aí, pelos pés do homem. Mas continuavam a ser precisos os homens junto das máquinas. (...) Os serranos, que (...) ora pastoreavam as suas ovelhas, ora teciam a lã que elas forneciam, tornaram-se cada vez mais raros. A maioria entrara nas fábricas. Eles tinham de pautar, agora, a sua vida por um salário fixo, chegasse ou não chegasse para as exigências de cada dia. Isso, porém, carecia de importância; ninguém pensava em aumentar-lhes os ganhos, pois havia sempre de se ter em conta o preço da mão-de-obra para a concorrência dos tecidos nos mercados. (...) Os homens passavam os dias e as noites dentro das fábricas, só saindo aos domingos, para olvidar o cárcere. Já não viam as ovelhas (...) viam apenas a sua lã, lã que eles desensurravam, que eles lavavam, cardavam, penteavam e teciam (...) A indústria ia crescendo sempre (...) outras casas tinham surgido (...) as residências dos industriais. E todo o país falava da prosperidade da Covilhã. (...) Mais tarde, operou-se nova revolução (...) o poder da água foi substituído pelo da electricidade. E fábricas existiam onde já laboravam pais, filhos e netos. (...) Os centos de tecelões, que outrora viviam nos lugarejos da serra (...) Ladinhas personagens (...) acabaram por desaparecer (...) devoradas pelos industriais poderosos. E só ficavam as grandes fábricas, com seus milhares de operários (...). A lã do país já não chegava; tinha-se de procurá-la em terras estrangeiras. Da Austrália, da Nova Zelândia, da África do Sul, passaram a vir grandes carregamentos. (...) A indústria, sofria, porém, constantes oscilações. Os fabricantes sem descanso, ora por escassez de matéria-prima ou fraco consumo, diminuía os dias de

trabalho. (...) No século XX, mais do que sons de flautas pastoris descendo do alto da serra para os vales, subiam dos vales para o alto da serra queixumes, protestos, rumores de homens que, às vezes, se uniam e reivindicavam um pouco mais de pão.”

Eis como Ferreira de Castro descreve a relação homem-natureza na Serra, e algumas das suas tonalidades mais características (1985: 47):

“A serra corre de nordeste para sudoeste, como imensurável raiz de outra cordilheira que rompesse longe do seu tronco. Belo monstro de xisto e de granito com terra a encher-lhe os ocos do esqueleto, ondula sempre: contorce-se aqui, alteia acolá, abaixa-se mais adiante, para se altear de novo, num bote de serpente que quisesse morder o sol, forma altivos promontórios, dos quais se pode interrogar o infinito, e logo se ramifica, em centopeia de pesadelo, criando, entre as suas pernas, trágicos despenhadeiros e tortuosas ravinas, onde nascem rios e as águas rumorejam eternamente. Vista do alto, sugere um fabuloso réptil, anfíbio e descomunal, cortando em dois o grande vale que teria surgido após haver secado o lago que ele habitara. (...) Contemplado de perto, o dorso da serra, como o dos cetáceos, mostra largas superfícies, ora chatas, ora abauladas, umas limpas de acidentes, outras cercadas de fragões, que com estranhos perfis e enigmáticas atitudes, parecem defender as terras solitárias. O ser humano tem volume mais mesquinho do que uma velha giesta, do que uma velha urze, nesses planaltos que se alargam entre alta vagas de terreno, entre montanhas que cresceram no cimo de montanhas. E uma luz de mistério, ao clarear as chapadas e pendores, enche de temíveis sombras os silentes penedais, os rochedos majestosos, todos esses gigantescos vultos de granito que povoam a serra, como seus feros senhores.”

O povoamento humano na Serra, os hábitos do pastoreio, da transumância, da agricultura, relata-os deste modo (1985: 48):

“O homem instalou-se, primeiro, nos vales, depois acendendo a sua lareira a quinhentos, oitocentos, a mil metros; daqui, porém, não passou o tecto do seu abrigo permanente. Mas, mais para cima, desde que as neves se derretiam até que outras viessem, expunha-se ao sol uma efémera riqueza nos vastos plainos. E, para aproveitá-la, o homem subiu ainda, já sem casa e acompanhado apenas do seu gado. Assim, a grande serra e seus mistérios foram conquistados mais do que com fundas, lanças ou arcabuzes, com homens pastoreando ovelhas e cabras. (...) Desde então, em Abril, se o gelo já se sumiu, ou em Maio, se a invernia se prolongou, ouve-se tilintar, encosta arriba, as campainhas e chocalhos dos rebanhos. É essa música matinal que anuncia a Primavera na serra. (...) Cada pastor leva ovelhas e cabras de três, quatro e cinco donos e cada um destes se reveza uma semana no pastoreio. Os que ficam, saltam, também, da cama, trocando o cajado de pegureiro pela enxada de cavador, que nas rampas da serra todos eles criam gado, duas ou três dúzias de cabeças, e cuidam do seu agro – duas ou três pobres courelas.”

Sobre as alterações e os perigos climáticos (tempestades, neve, vento forte) a que pastores (ou turistas), podem ser submetidos, ou sobre espaços, actualmente muito visitados turisticamente, como o **Covão d'Ametade**, abrigo de pastores, do seu gado e dos seus cães, junto da nascente do rio **Zêzere**, e os **Cântaros** que o rodeiam, ouçamos Castro (1985: 56-58):

“A neblina começara a esgarçar-se para a banda do vale, batida pela aragem mais forte. E, por cima deles, voltaram a fazer-se ouvir os tumultos celestes. (...) Junto de Horácio e de Tónio viam-se agora, agora, dois altíssimos fragões. Mostravam uma abertura que dir-se-ia cortada a prumo por mão fabulosa e servia de porta natural para o

circo onde nascia o rio Zêzere, porta que parecia dar para o túmulo de um deus. (...) Os dois entraram. No Covão da Metade, a bruma, encarcerada por vastas massas pétreas, elevava-se mais lentamente do que cá fora. Mas já se via a terra plana, de uma banda coberta de verde cervum, que o rebanho ia devorando, da outra vários alqueives e, ao centro, o rio correndo, aos ziguezagues, sob aquela fumaceira, como se fosse a ferver. (...) em frente deles viam-se várias cabanas – abrigos que velhos pastores tinham erguido no fundo do Covão da Metade, como no fundo de uma grande cratera. Eram formadas por três paredes de pedras soltas arrumadas a uma fraga (...) A bruma subia cada vez mais, deixando a descoberto os contrafortes ásperos, medonhos, do berço do Zêzere. (...) Iam-se desvendando enormes moles de granito, ao fundo, à direita, à esquerda, pedra de todos os milénios (...) Essa muralha ciclópica e irregular, cheia de arestas, de vincos, crescia rapidamente atrás do nevoeiro que se retirava. Cada vez se mostrava mais alta, mais arrogante (...) dir-se-ia não ter fim. Pouco depois, porém, tripartia-se (...) e um relâmpago mostrava num fundo ígneo, lá nas alturas, as formas absurdas, fantásticas, dos três Cântaros. Logo veio o trovão. O *Piloto* ergueu o focinho para o céu e começou a uivar, lugubrememente (...) O anfiteatro colossal abria-se agora, em toda a sua imponência. Era de uma grandiosidade severa, essa rotunda (...) Estava metida entre assombrosas aflorações de granito e terminava no Cântaro Magro, que lembrava a carcaça de imensurável castelo de outrora (...) Dir-se-ia que a natureza quisera defender e impregnar de mistério a nascente do Zêzere – fechando-a como uma fortaleza. E, contudo, parecia que o rio fora apenas um pretexto. Era pobre, trémula fita de água, ora muito estreita, ora muito larguita, às vezes quase invisível, que se lançava lá do alto por um sulco ou diáclase da rocha negra, aberta para lhe dar melhor caminho. Ao seu lado, porém, tudo se agigantava. Sob os frequentes relâmpagos, alguns trechos dos paredões, cheios de estrias, de saliências, de avanços e de recuos, pareciam oriundos de uma floresta petrificada. (...) Uma águia veio remando de longe, lentamente, e pousou nos topos do Cântaro Raso. (...) por detrás dos Cântaros surgiam (...) grandes, pesados, grávidos bandos de nuvens. (...) um relâmpago, uma enfiada de trovões e ainda outra fâisca (...) ali pertinho (...) no pícaro do Canto Magro. O ar chiava e houve um gemer de pedra, fino, cortante (...) uma explosão de catástrofe cósmica (...) fez estremecer a terra (...) e pôs tudo a vibrar (...).”

O narrador dá-nos igualmente uma ideia do contraste entre a actividade fabril, sanatorial e turística nos anos quarenta, na Covilhã, uma cidade ainda hoje muito procurada para acesso à Serra⁹, bem como do belo cenário de neve que então se desfrutava, com frequência, e que fazia a delícia dos forasteiros, mas não tanto dos habitantes, expostos a baixas temperaturas e sem os agasalhos adequados (1985: 134-135):

“O mês de Dezembro acercava-se do fim e a serra arrefecera. (...) quando os operários entravam para o trabalho diurno, o céu plúmbeo, baixo, fechado. E, ao meio da tarde, a neve começou a cair. Mas, durante alguns dias, a neve quis outros espaços além

⁹ Cidade actualmente pretérita, no que diz respeito à actividade fabril e sanatorial, foi de vital importância em ambos os aspectos. Na subida da Covilhã para as Penhas da Saúde, a poucos kms da cidade, com um projecto do arquitecto Cotinelli Telmo, acabado de construir em 1944, o **Sanatório das Penhas da Saúde** ou **Sanatório da Covilhã** foi encomendado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, para os funcionários que estivessem doentes com tuberculose. Em 1954, foi entregue ao governo da época para assistência aos tuberculosos, encerrando em 1970, e entrando em profundo estado de degradação. Em 1998 pensou-se em tornar o edifício num hotel de luxo. Após um abandono de anos, em 2014 foi convertida em unidade hoteleira privada, a **Pousada da Serra da Estrela**. No que respeita à actividade fabril, numa dessas fábricas abandonadas foi instalado o **Museu de Lanifícios** da cidade, constituindo um **Centro Interdepartamental da Universidade da Beira Interior**.

dos pontos mais altos da montanha. De Lisboa, começaram a chegar turistas. Pedro disse, na fábrica, ter visto passar na Covilhã vários rapazes e raparigas com os seus esquis em cima dos automóveis (...) O frio continuava a aumentar. Por fim a neve estendera-se desde os topos da serra até às suas faldas. Um dia, quando os operários da Covilhã e da Aldeia do Carvalho saíram de suas casas, viram todas as encostas, todas as dobras do terreno, todos os caminhos vestidos de branco. A cidade, num esporão da serra, parecia obra de fantasmagoria, com telhados e perfis inverosímeis. E, na aldeia, tudo estava também assim extravagante, enterrando-se na neve os pés dos homens que, pela estrada, se dirigiam às fábricas (...) Às cinco da tarde, quando abandonaram o trabalho, continuava a nevar. Eles saíam para a obscuridade da noite que descia sobre o branco da terra e outros entravam para a fábrica, enregelados. Pisando a neve que cobria a rampa da Covilhã, Pedro, atrás de outros operários, ia pensando nas duas raparigas de gorro negro que ele divisara dentro de um automóvel. Deviam estar, àquela mesma hora, depois de voltar do esquí, a aquecer as mãos junto da salamandra que ele vira, um dia, lá em cima, nas Penhas (...) logo ele via outras mãos tirando as luvas de lã e estendendo-as também para as salamandras – as mãos de todos os rapazes que tinham passado, nos automóveis, para as Penhas da Saúde. (...) Depois pensou noutra rapariga que ele vira passar, dois meses antes, para o novo sanatório que havia lá em cima. A essa hora, ela não devia estar a aquecer as mãos e sim a tomar a sua temperatura, pois a ele haviam-lhe dito que, no sanatório, todos os tuberculosos metiam o termómetro sob o braço quando findava o dia (...) Por fim, quedaram apenas, ante os seus olhos, os vultos escuros de outros operários, que, de ombros encolhidos dentro de velhas roupas, marchavam na neve, encosta acima (...) Entretanto, lá em baixo, junto da ribeira, as fábricas prosseguiam no labor.”

Já sobre a relação dos operários com os industriais da lã e com o próprio material por eles fabricado, deixamos aqui uma pequena ideia, cuja realidade, na época e em termos gerais, estava bem perto do que se passava na Península Ibérica, em tempo de ditaduras, mas também em muitas das ditas “democracias” do continente europeu (1985: 201):

“Ouvira dizer, há tempos, que na fábrica podia obter um corte de fazenda muito mais barato do que cá fora. Nessa altura ele (Horácio) ainda não pensava em fazer o fato, mas, agora, queria saber como se arranjava isso. (...) Ao entrar no casinhoto do Marreta, o velho tecelão, mal lhe ouviu o intento, disse que aquilo era muito simples. Os patrões vendiam aos operários os cortes de fazenda pelo preço do seu custo. E alguns, se lho pedissem, aceitava, até que o pagamento fosse em prestações, cada um descontado na fêria semanal. Se os operários dali vestiam de lã gentes de muitas terras, enquanto muitos deles andavam esfarrapados e traziam famílias cobertas de trapos, não era que não tivessem tecidos mais baratos do que tinham outras pessoas. O caso era outro. O caso é que eles não ganhavam o suficiente para comprar, mesmo pelo preço de custo, mesmo a prestações, os cortes de fazenda de que careciam para andarem bem abrigados. Os outros, os eu tinham dinheiro, é que podiam usar os bonitos tecidos que faziam ali.”

4.3.5. *Miguel Torga (1907-1995) - Portugal*

De seu verdadeiro nome Adolfo Coelho da Rocha, natural de S. Martinho da Anta (Sabrosa, Trás-os-Montes), foi médico e escritor. Na sua obra *Portugal* (1ª ed., 1950), retrata deste modo a Serra, realçando a sua importância no país (1993: 71-76):

“Na verdade, todas as vezes que (...) visitei [a Beira], olhei e perscrutei, a ver se conseguia entendê-la, andei sempre à roda, à roda, e sempre à roda da mesma força polarizadora: - a Estrela. Como aquelas divindades ciosas, que não consentem adoração

a mais nenhum poder, só fascinado por ela o peregrino é capaz de caminhar e perceber. Beira quer já de si dizer beira da serra. Mas não contente com essa marca etimológica que lhe submete os domínios, do seu trono de majestade a esfinge de pedra exige a atenção inteira. Alta, imensa, enigmática, a sua presença física é logo uma obsessão. Mas junta-se à perturbante realidade uma certeza ainda mais viva: a de todas as verdades locais emanarem dela. Há rios na Beira? Descem da Estrela. Há queijo na Beira? Faz-se na Estrela. Há roupa na Beira? Tece-se na Estrela. Há vento na Beira? Sopra-o a Estrela. Há energia eléctrica na Beira? Gera-se na Estrela. Tudo se cria nela, tudo mergulha no seu largo materno seio (...) A Estrela não divide, concentra (...) quem quiser ter firmeza nos pés, só na torre do Malhão Grande¹⁰. Aí, na gávea de dois mil metros de altura, além da certeza de estar agasalhado no próprio tabernáculo da deusa, terá em redor, acolhido às asas da grande mãe impassível, sujeito à sua lei e protegido pela sua presença, o mundo que pretende. (...) Cômico dessa força telúrica, o homem beiro tira dela todo o proveito possível (...) Teimoso como um Sísifo voluntário (...) Medieval e tosco na capela dos Ferreiros(...) fidalgo descobridor em Belmonte, viajante na Covilhã (...) pastor e camponês em toda a parte (...) De cima da sua fraga primária, espalha-se nas águas claras do Alva, do Mondego ou do Zêzere, três rios que lhe sulcam alma de frescura, lirismo e paciência, e vê-se de rosto sereno, vagamente irónico e malicioso, pronto a ir governar a nação (...) Mas o beirão mais castiço e simpático não é esse ambicioso de poder e mando (...) É o que fica agarrado às berças, sepultado nos abismos do seu Piódão neolítico, e que todos os anos sobe ao Colcorinho para cantar na Senhora das Necessidades a canção do seu destino, íngreme como as encostas onde cultivava a esperança.”

4.3.6. Vergílio Ferreira (1916- 1996) – *Manhã Submersa*

A *Serra* é também o local da infância perdida, da adolescência não vivida. Natural de Melo (Gouveia, Beira Alta, que no romance aparece com a designação de “Castanheira”), eis como, em *Manhã Submersa* (1ª ed. 1953)¹¹ o Autor, de forma parcialmente autobiográfica (o seu alter-ego é a personagem António Lopes), evoca a Serra da sua infância e a adolescência nessa aldeia, bem como a sua relação com a família, a partir da sua estada no distante Seminário Menor do Fundão¹² (1926-1932), onde entra com doze anos. Experiência traumatizante que durará seis anos, onde a Serra da Estrela,

¹⁰ Conhecida igualmente por Malhão da Serra, o Autor refere-se ao espaço/planalto onde se situa a Torre, local onde em 1806 D. João VI mandou edificar uma pirâmide coroada por uma cruz, que completava os 2000 metros de altura. Em 1950, esta foi substituída por um marco geodésico.

¹¹ *Manhã Submersa* foi adaptada para o cinema, em 1980, pelo realizador Lauro António, com o mesmo título do livro. No filme, Vergílio Ferreira aparece protagonizando o sinistro Reitor do Seminário do Fundão. O Autor ainda frequentará, após abandonar por falta de vocação a vida religiosa e de preparação para o sacerdócio católico, que tinha sido obrigado a professar, o “Liceu” da Guarda (actualmente Escola Secundária). Segundo o Professor Arnaldo Saraiva, o escritor teria frequentado os Seminários não só do Fundão como da Guarda, apesar de haver referências sobre o autor que só refiram o Liceu da Guarda. Vide Saraiva, A. (2017). *Vergílio Ferreira, Seminarista nos Seminários da Guarda e do Fundão*. Porto: Editora Exclamação.

¹² O Fundão faz parte do Distrito de Castelo Branco, província da Beira Baixa, região do Centro e sub-região das Beiras e Serra da Estrela. O Seminário Menor do Fundão dependia do Seminário Maior da Guarda, que foi construído em primeiro lugar (fora das muralhas da cidade), após a Reforma Tridentina (séc. XVI), ficando concluído em 1763. Actualmente, o antigo Seminário da Guarda alberga o Museu, o Paço da Cultura, o Centro Cultural e o futuro Museu de Arte Sacra (Ardérius, 2016: 51).

os lugares por onde passa, a neve e a névoas, os rostos familiares que vê desvanecer ante a realidade que o cerca, são uma constante. Eis o que afirma o narrador, quando a personagem “António” parte da sua terra natal (Ferreira, 2022: 12-13):

“A névoa da madrugada desprendia-se dos campos, ia envolvendo a montanha. (...) tudo para mim era estranho e ameaçador, desde a montanha imóvel na enorme manhã circular até ao espectro do Calhau e dos bois, tão insólitos na sua placidez, como viessem carregando o carro, submissamente, através de longos séculos (...) espoliado abruptamente da minha infância (...) eu descobria em mim o aceno de um passado. Era a grande montanha a oriente, a sua liberdade espacial, era o bafo quente de um amor perdido, a flor original de uma alegria morta. E então voltei para lá a minha face molhada, e tudo em mim disse adeus longamente.”

A serra da infância, mesmo ambicionada nas férias, parece não ser, após a ida para o Seminário, a mesma que vai (re)encontrar, porque dela, paradoxalmente, não consegue desfrutar, dada a ausência do ambiente familiar almejado. Fruto do parco rendimento familiar, “António” nas férias vai para casa de uma família estranha. As descrições do narrador remetem-nos não só para uma paisagem interior de alma, mas também para o território da montanha imutável e dos seus lugares (Ferreira, 2022: 55-65):

“Por fim, o dia de férias chegou. E há quanto tempo o vinha esperando! No tampo da carteira (...) colei um calendário de Dezembro (...) desesperado de urgência, punha-me atento à duração de cada segundo, cada minuto, à espera que passassem (...) e descobria (...) que os poucos dias que faltavam para as férias eram uma montanha enorme de tempo. Já a lama fresca das geadas, nos caminhos do recreio, e o manto de neblina ao longo do vale me lembravam (...) o Inverno da minha aldeia, a serra livre da minha infância. (...) Quando transpus a porta do seminário, apeteceu-me largar um berro de triunfo para os confins do meu medo. (...) O comboio aprestava-se para a partida e as janelas tapavam-se de seminaristas (...) lá fomos passando Alcaria, **Covilhã**, Belmonte (...) **Guarda** (...) Pusemo-nos a vaguear pelas ruas até que chegasse a hora da camioneta. Lembro-me bem de olhar com simpatia aquelas casas soturnas da cidade, comidas de velhice, debruçadas para a rua numa conversa mútua sem tempo. O vento gelado de Dezembro esperava-nos às esquinas, de dentes finos à mostra. (...) Pelas quatro da tarde, a camioneta partia. Era uma velha carroça sem cobertura (...) Eu e o Gama ficámos à frente, junto da cabine do motorista. E assim (...) lá fomos descendo o **vale do Mondego**. A estrada serpenteava, cautelosa, colada à montanha. No vale profundo, aldeias perdidas oravam de joelhos à ameaça dos montes, onde eu ia descobrindo a minha saudade antiga. Sabia que por detrás daquela massa escura ficava a minha terra, e olhava-as, por isso, com gratidão. O Sol tombava já rapidamente, de modo que a encosta voltada para nós era uma enorme face de sombra. Visíveis ainda, rompiam do sopé, para as alturas, estreitas veredas torcidas de esforço e angústia. (...) De vez em quando a camioneta, ao rodar numa curva exterior, ficava suspensa sobre o abismo, subitamente integrada num sentido de grandeza e eternidade. E instintivamente eu estendia a mão, fazendo-a planar um momento sobre o vale, como se desejasse afastar-me ainda mais para o espaço aberto (...) Até que atingimos enfim a planura. (...) Da carrada de gente que a camioneta trouxera, já pouco restava. (...) Até que me vi só. A noite caíra já, uma noite fria, lúcida de estrelas, morta. Assim, quando a camioneta entrou na curva donde há tanto tempo sonhara com a aparição da minha terra, um súbito desalento, feito da noite e do meu desamparo, paralisou-me de medo ou de uma indiferença profunda. (...) Saltei da camioneta e olhei em volta a ver quem me esperava. Descobri então a minha mãe (...) coberta de negro, e corri ansioso para ela, como para um refúgio sem fim. Ela, porém, quase não me falou. E, depois de

me beijar brevemente, disse-me em voz surda e medrosa: (...) Olha a senhora (...) a D. Estefânia, estava já ali ao pé (...) A criada tomou-me a saca à cabeça, nós seguimos atrás. Voltei-me ainda (...) para onde ficara minha mãe. Mas só lá havia noite. (...) Um grande vento descia das neves da montanha e enregelava-me a face.”

4.3.7. José Saramago (1922-2010) – *Viagem a Portugal*

Natural de Azinhaga (Golegã, Ribatejo) o nosso Nobel da Literatura (1998) edita, em 1983, a sua *Viagem a Portugal*. Nela a Estrela – que “Alta está, alta mora” - com as suas localidades, mitos, relevos, fenómenos meteorológicos típicos e ameaçadores, de que resolve tirar proveito, é referida da seguinte forma:

“O viajante vai à **Serra**, que é, por antonomásia, a **Estrela**. O tempo mudou. (...) É certo que se arrisca a estar na serra e não ver a serra, mas confia que algum deus hermínio, desses que na Lusitânia se veneravam e agora estão adormecidos, como o louvado Endovélico, acorde do pesado sono secular para abrir umas nesgas de céu e mostrar ao viajante os seus antigos impérios (...) Segue pois por **Vale de Estrela** até **Valhelhas**, sempre com o horizonte à vista. (...) A nuvem, ou névoa, ou nevoeiro, apenas foram empurrados para diante e estão à espera, empoleirados numa alta penha, para saltarem ao caminho e confundirem as distâncias. O viajante começa a duvidar que lhe valha a pena fazer a volta da serra como a tinha sonhado, indo por **Sabugueiro**, **Seia**, **São Romão**, **Lagoa Comprida**, até à **Torre**, e depois descendo das **Penhas da Saúde**, rematando na Covilhã. E quando chega a **Manteigas** decide procurar novas informações. Logo lhe dizem: «Não aconselhamos. Perigo não há. Mas se o senhor quiser ver a serr, não a verá. O viajante agradece educadamente (...) e vai consultar os seus mapas e guias. (...) resolveu seguir ao **longo do Zêzere**, ir ao **Poço do Inferno** (...) e depois seguir até às **Penhas da Saúde**. (...) O viajante sobe a estrada que ladeia o rio. Vai devagar. Tinha destinado o dia a uma volta inteira, não chega a metade dela. Todas as viagens têm as suas contrariedades. E também as sua negaças, como esta de chegar à **Nave de Santo António** e estar todo o céu limpo para cima. Em verdade, os deuses varrem bem as suas altas moradas, mas deixam os humanos cá em baixo às apalpadelas, quando estes, inocentes, mais não pedem que ver a paisagem. O viajante está queixoso. Aponta à **Covilhã**, mergulha uma vez mais nas nuvens, e, não tendo o caso remédio, resolve tirar proveito da situação: nenhum viajante olhou com mais interesse estas suspensas, levíssimas massas brancas, nenhum outro, decerto, parou à beira da estrada para sentir-se banhado por elas, nenhum desceu a encosta para se sentar debaixo duns pinheiros e contemplar o invisível vale, o grande mar branco. Eis a boa filosofia: tudo é viagem. (...) O viajante já não se queixa. Torna pacificado à estrada, e das subidas paragens onde tem estado regressa à Covilhã. Alta mora a serra, mas hoje não recebia visitas. (...) Ao acordar (...) A serra continuava encapuchada de nuvens, ainda mais baixas que ontem (...) Resigna-se (...) a viajar por terras baixas, e, para começar, dá uma volta pela Covilhã, que é cidade de meia altitude. Foi à Igreja de São Francisco (...) Dali foi (...) à Capela de São Martinho (...) (1995: 197-199).

4.3.8. Gonçalo Santa-Rita (?-?) – *Portugal. A Expressão da Paisagem*

Em 1982, Gonçalo Santa-Rita publica uma obra onde refere que “A expressão da paisagem não é (...) apenas um motivo de beleza, mas também um tema de conhecimento científico. Através dela, recorrendo a textos significativos da literatura e da ciência, procurou-se fazer obra útil de divulgação.” Desta forma, combina testemunhos de *alguns*

geógrafos com uma “resenha antológica dos prosadores portugueses que melhor têm sabido descrever as nossas paisagens.” (1982:7-8).

Entre os autores e excertos de obra, para descreverem a *Serra*, destacam-se os escritores Manuel da Silva Gaio (1860-1934), ou o historiador e escritor Joaquim Pedro de Oliveira Martins (1845-1894). Entre outros, escolhemos um fragmento do escritor **Aquilino Ribeiro** (1885-1963), “Do Alto da Nave”, em que o autor declara que (1982: 85-86):

“O arcabouço mais robusto e arqueado pertence à Estrela. Suponha-se uma gigante, com a Guarda à cabeça, envolta numa echarpe vaporosa (...) é uma personalidade. Descobre-se à distância de trinta léguas. Caminha-se para ela e fica sempre a mesma, ativa, remota, coberta com manto real. (...) Quando se trepa para a **lagoa dos Cântaros**, pelo caminho de **Seia**, nos confins baços a norte avista-se a **Nave** que pouco a pouco se vai alteando, até configurar uma almofia emborcada (...).”

4.3.9. José Manuel Trigo Mota da Romana (1942-)- *Antologia de Escritores da Guarda*

José da Romana, professor universitário, reúne em 2003 uma colectânea de textos de escritores e outros intelectuais portugueses (médicos, militares), nascidos na cidade da Guarda ou em freguesias do seu concelho. Nestes textos, muitos deles alusivos à cidade, encontramos igualmente extractos de obras que referem a Serra da Estrela, e desta as suas belezas, perigos, actividades agrícolas ou outras. Entre estes excertos, muitos sem título, encontramos: Frei Bernardo de Brito (1569-1617), “O Hermínio Maior”; João de Almeida (1873-1953); Nuno de Montemor (1881-1964); Ladislau Patrício (1883-1967); Carlos Alberto Marques (1892-1965); António Monteiro da Fonseca (1895-1968); Jesué Pinharanda Gomes (1939-2019). Avelino Cunhal (1887-1966), escritor nascido em Seia, Distrito da Guarda, onde foi Governador, publica entre outras a obra *Senalonga* onde refere não apenas a cidade natal, mas também a *Serra*.

Transcrevemos aqui, pela sua antiguidade (século XVI) e originalidade, um pouco do extracto de Frei Bernardo de Brito, sobre o “Hermínio Maior” (a Serra da Estrela, porque o *Hermínio Menor* é a *serra de Marvão*), que estará talvez na origem da lenda da *lagoa escura*, citada posteriormente por Navarro e outros, explicando igualmente o motivo porque talvez a *Serra* tenha o nome de Estrela (*apud* Romana, 2003: 49).

“Há no mais alto desta serra duas lagoas de monstruosa grandeza, uma das quais é tão funda que se lhe não pode sondar o lastro e afirmam os moradores da terra que algumas vezes se vêm nelas tábuas de navios e outras coisas semelhantes. Sua água é doce como de fonte, mas escura e triste e pouco saborosa ao gosto: não se cria em nenhuma destas lagoas género algum de peixe nem coisa viva. (...) Deixou o nome antigo de Hermínio e chamou-se de Estrela, por causa, como diz Resende, de uma rocha altíssima que está quase no mais alto da serra, o cimo da qual remata em feição de uma estela da qual os pastores que ali vêm ordinariamente, vieram a dar o nome a toda a serra.”

5. A *SERRA* E OS VIAJANTES ESTRANGEIROS

“Voy a ver la puesta de sol; un incendio volcánico entre montañas de ceniza. (...) Salí a ver la catedral. Tiene (...) su adusto carácter de fortaleza, y desde la terraza un hermoso panorama. Todo el anfiteatro de montañas de la sierra de la Estrella, y al outro lado, tierras de España.”

(Miguel de Unamuno, “Guarda”, 1908, *apud* Diós, *Escritos de Unamuno sobre Portugal*)

5.1. Charles Frédéric de Merveilleux (?-?). *Memórias Instrutivas Sobre Portugal, 1723-1726*

As “Memórias Instrutivas sobre Portugal” são da autoria do médico naturalista francês Charles de Merveilleux, que visita Portugal no tempo do rei D. João V (1706-1750), tendo tido, assim, a possibilidade de contactar com as gentes, hábitos e costumes do reino. É desta forma que nos informa o que o leva à Serra (que já era conhecida, segundo o seu relato, por outros viajantes estrangeiros) os requisitos necessários para nela viajar, e as suas impressões sobre a mesma, durante as semanas que lá esteve:

“(…) tomei a resolução de me afastar por algum tempo para percorrer a província da Beira, cujo clima é bastante temperado. Possuía alguns fragmentos das *Memórias* de um cavalheiro francês onde se tratava dessa província e da viagem que ele fizera à serra da Estrela da qual os portugueses supersticiosos contavam tantas maravilhas. Levou tempo a conseguir um passaporte (…). Obtido por fim o meu salvo-conduto para visitar a famosa Serra da Estrela, fiz-me acompanhar de um lacaio, um palafrenero e um cozinheiro. (…) Afastei-me do caminho direito para passar por Mafra (…) Depois (…) tomei o caminho de Coimbra (…) Ao deixar a cidade (…) tendo o Mondego à esquerda, somos obrigados a trepar por caminhos. (…) Cheguei (…) depois de muitas fadigas, ao povoado de S. Romão, próximo da Serra da Estrela. (…) Em **S. Romão**, só encontrei um homem que me quisesse acompanhar à Serra da Estrela [para “visitar a lagoa que está nos altos da Serra”] (…) Em duas horas e meia chegámos ao alto da montanha, onde nasciam e donde corriam arroios encantadores, de um ou dois pés de largura e maior profundidade, As suas águas eram claras e de bom sabor e nelas nadavam pequenas trutas. Em parte, estes arroios estão cobertos por uma erva que atinge dois pés de altura, espalhando-se por uma grande parte da montanha que é tão fértil como os Alpes. (…) Durante aproximadamente uma hora percorri os formosos prados do cimo da montanha (…) tendo por fim descoberto (…) uma espécie de tanque (…) Esse tanque ou pequeno lago é alimentado por outros arroios que nele desaguam depois de terem regado os campos. Em volta deste lago vêem-se rochas escalvadas e muito aguçadas. O português disse-me que a boca do inferno está nessas rochas e que a lagoa é a tenebrosa morada dos diabos. Pelas sua águas será engolido todo aquele que se aproxime em pecado mortal. (…) eu não via nem caminho nem carreiro que lá me conduzisse e parecia-me impossível trepar por essa rochas. (…) Antes de tentar a aventura, fizemos uma alta (…) quando comíamos (…) o nosso arrieiro advertiu [-nos] que um cabreiro nos espreitava [...este] ofereceu-se para nos guiar até à lagoa. Marchámos (…) laboriosamente pelas rochas e descobrimos a lagoa que era como um reservatório cujas paredes eram formadas pelos rochedos, cuja disposição, aliás, nos ocultava a nascente. Parece, porém, que a água borbulha no centro da lagoa, donde se elevam, de quando em quando, vapores, donde se deduz que essa água clara e temperada irrompe do fundo da terra. (…) as águas ao mesmo tempo que nascem do seio da terra para formar a lagoa voltam a entrar nela por outra abertura, que é a fonte da primeira lagoa.(…) o pastor (…) ofereceu-se para nos levar ao curral para aí nos indicar uma planta que cura todos os males (…) a grande genciana, planta a que os portugueses chamam (…) genciana das boticas (…) é um bom antipirético e uma excelente planta alexifármaca. Os portugueses usam-na como condimento. (…) vimo-nos obrigados a andar mais uma légua para atingir um campo de neve, que os ventos transportavam e amontoavam numa cova funda. A neve ali depositada é coberta com mato

e o esterco de que limpam os currais, ficando assim defendida dos ardores do sol, o que permite durante o todo o verão **Lisboa** se venha ali abastecer de **neve** (...) Essa neve é transportada no dorso de mulas até às margens do Tejo, onde, ainda a vinte léguas de Lisboa, a embarcam para esta cidade, onde é vendida (...) Daquelas alturas vi a **Covilhã**, onde existem mais de mil teares para o fabrico de panos, sarjas e meias, os quais, porém, estão actualmente parados.¹³ (...) Voltei a S. Romão (...) e resolvi ir ver a **nascente do Mondego**, atravessando a Serra pela parte norte. Foi-me difícil arranjar um guia. Saímos muito cedo (...) em três horas estávamos na nascente do rio Mondego. É pouco abundante e está num sítio muito selvagem, habitado por lobos que aparecem por todos os lados. (...) Por estes sítios abundavam mais as plantas medicinais do que na vertente da Serra que havíamos percorrido. (...) Os pastores ocupam com os seus rebanhos os sítios mais áridos. A outra encosta da montanha tem muitas giestas que aqui não encontramos. (...) a) verónica (...) descobria-a nos bosques de azinheiras de que está coberta a Serra, na parte este, um pouco acima de **Manteigas** (...) Ali me detive por achar a água excelente e o clima muito temperado. Respira-se um bom ar e os seus habitantes são mais afáveis que no lado oposto da Serra. Serviam-nos de boa vontade, ao contrário de S. Romão (...) Durante três dias ladeámos o rio **Zêzere** cujas águas são muito claras e abundantes em peixes. (...) Há pouca diferença entre a região este e oeste da Serra da Estrela e ambas seriam igualmente férteis se estivessem cultivadas.” (1989: 184, 187, 191, 193-201) ”

5.2. Heinrich Friedrich Link (1761-1851) - *Notas de uma Viagem a Portugal e através de França e Espanha*

O famoso botânico e naturalista alemão percorreu Portugal de Norte a Sul, do Litoral ao Interior, em 1797 (reinado de D. Maria I, 1777-1816), financiado por outro ilustre alemão, o conde de Hoffmannsegg. Ao mesmo tempo que investiga plantas desconhecidas, que vão dar origem à famosa obra *Florae Portugaese* (1789), de projecção internacional, redigiu um relato, as *Notas*, uma das narrativas mais abrangentes sobre a área geográfica de Portugal¹⁴. Apesar das críticas que surgem nesta obra, sobretudo de teor religioso e de costumes, Link foi capaz não só de estudar e valorizar as belezas do nosso país, mas também a capacidade de trabalho do Homem português, camponês, pescador ou operário. Na *Serra*, fica alojado “numa casa de lavoura”, que Dom Luís Bernardo Pinto de Mendonça, detentor de um “palácio” em Seia, lhe havia arranjado. Apresentamos aqui algumas das suas considerações sobre a *Serra* (2005: 235-239):

“A **fruta** da serra da Estrela é a melhor e a mais afamada do Reino. Ficámos muito surpreendidos com a beleza destas paragens (...). De **Seia** sobe-se de imediato a primeira planura da serra da Estrela. Estas montanhas estão em baixo cobertas de pinheiros, mas em breve se tornam muito nuas e nota-se apenas uma relva rasteira que naquela época estava já bastante queimada. Depois de se ter passado a primeira planura encontra-se um vale onde fica a aldeia do **Sabugueiro**. Esta aldeia é incontestavelmente a mais cómoda terra onde se pode ficar para examinar a serra. (...) Em Sabugueiro os habitantes são bons e afáveis, morámos ali algum tempo numa casa de lavoura (...) com efeito pequena e miserável como as restantes, mas também não nos faltou de beber e de comer e também

¹³ O Autor explica as razões desse abandono, na Covilhã e noutros locais: o primeiro, pela perseguição movida pela Inquisição aos judeus, que tinham sido presos ou tinham abandonado o país, abandonando, assim, essas manufacturas; o segundo, pelo tratado de Methwen, assinado com a Inglaterra em 1703 pelo rei D. Pedro II, pai do rei D. João V, que obrigava Portugal a comprar os lanifícios ingleses (nota 50).

¹⁴ Como refere Link: “Quando regresssei, li todos os relatos de viagens em Portugal que consegui obter” (2005: 4)

camas boas e limpas (...) Mesmo junto à aldeia vêem-se alguns campos de centeio e estava-se precisamente na época da colheita em que os habitantes da aldeia se ajudavam alternadamente na debulha. O centeio destas regiões montanhosas é particularmente bom. O **rio Alva** corre perto da aldeia, num vale que é profundamente fundo e rochoso (...) acima do rio Alva vêem-se vertentes escarpadas e rochosas, que os cistos e a urze branca tornam muitas vezes impenetráveis. A serra da Estrela (mons Herminius dos antigos), indiscutivelmente a maior e a mais alta serra em Portugal, pois no inverno fica quatro meses e mais coberta de neve, e eleva-se de um planalto já bastante alto, estende-se de nordeste para sudoeste. A parte norte é mais baixa, as montanhas principiam mais suaves (...) daí que se chame serra mansa. A parte sul é mais alta, em muitos sítios muito escarpada e rochosa, chamando-se também por isso **serra brava**. (...) nas [regiões] mais altas [encontra-se] uma relva rasteira e abundantes arbustos de **zimbros** da montanha que com o seu porto gracioso (...) formam um quadro muito bonito. Encontram-se muitas vilas bem populosas nesta serra, sendo a **Covilhã** e **Manteigas** as mais importantes. Em baixo é cultivado muito centeio e fruta, a parte de cima da serra é composta por pastagens, especialmente para ovelhas. Estas ovelhas migram precisamente como as espanholas, em Setembro descem para a planície do Alentejo e em Maio regressam para aqui. A sua **lã** é excelente, a melhor da Europa, a seguir à espanhola, e é frequentemente exportada para Inglaterra. Em terras à volta da serra da Estrela faz-se também um magnífico **queijo de ovelha**, que é enviado para todo o Reino, só que em geral é muito raro. A família real costuma enviá-lo anualmente à Corte espanhola, como se de um petisco se tratasse. (...) Na Covilhã existem fábricas de tecido que vão de vento em popa. (...) as montanhas de Espanha e de Portugal enganam por causa das suas rochas rasgadas e do seu invulgar aspecto agreste, o que lhes dá um carácter semelhante aos dos Alpes. (...) A serra da Estrela faz parte da alta cordilheira de montanhas que separa as duas Castelas, que forma o Guadarrama, a *sierra del Pico* e a *sierra de Gata*.”

O viajante, tecendo considerações sobre os caminhos, agradáveis pela sua flora, mas perigosos por serem tão íngremes, desloca-se “à cumeada” da montanha, e descobre a **lagoa redonda**, a “mais pequena”; o **Cântaro**; o **Malhão da Serra**, onde ainda encontra “os restos de uma pirâmide erigida pelos geógrafos que o Governo mandou pelo país para fazerem um mapa de Portugal. Os habitantes da serra tinham-na destruído pouco depois do seu levantamento. (...). Essa boa gente (...) ciosa destes pastos da montanha que constituem toda a sua riqueza (...) temiam que o Governo os pudesse oferecer a um qualquer Grande, pois eles na verdade não tinham um proprietário e não pertenciam a nenhuma povoação especial. (...) A panorâmica desta altitude é extraordinariamente extensa (...)” (2005: 237-238). Visita ainda a **lagoa escura**, contando a **lenda** de que estará ligada ao mar e onde se terá afogado uma santa (tal como Navarro refere na sua obra) e, posteriormente, desloca-se à **lagoa longa ou comprida** referindo o facto de ter *margens pantanosas*. Nota ainda que a *Serra* não tem muitos animais selvagens, como *cabritos monteses*, *lobos* ou outros, dado o “precoce povoamento e cultivo da região em redor” (2005: 238-239).

5.3. Ann Bridge (1891-1974) e Susan Lowndes (1907 - 1993), - Duas inglesas em Portugal, Uma Viagem pelo País nos Anos 40

Na década de 40, encontramos duas inglesas a percorrer Portugal e a visitar a *Serra*. A primeira, Ann Bridge, arqueóloga, botânica amadora e escritora, é convidada, em 1947, a fazer um guia de Portugal, que estará na origem da obra *Duas inglesas em Portugal, Uma Viagem pelo País nos Anos 40*. A segunda, Susan Lowndes, é jornalista e

correspondente dos EUA. Publicado em Inglaterra, pela primeira vez, em 1949, o guia terá várias reedições nesse país, abordando o Portugal Continental e Insular da época. No final do “guia”/livro, redigido muito ao sabor das impressões causadas sobre as viajantes e muito ao jeito do século XIX, encontramos ainda “Anexos de informações úteis” e uma “Bibliografia”, onde as autoras basearam o seu estudo. Eis algumas das considerações que estas duas inglesas tecem, 150 anos após a visita de Link, sobre este território:

“A serra da Estrela interpõe-se como uma grande barreira de granito, com quase cento e dez quilómetros de extensão, entre a Beira Baixa e o resto do mundo. Até agora apenas duas estradas a atravessam, a de **Gouveia** até à **Guarda** e **Belmonte**, na extremidade norte, e a de Castelo Branco até à Lousã, através da **Pampilhosa da Serra**, a sul (...) Está projectada uma outra estrada desde Manteigas, passando pelo vale profundo [vale do glaciário] que divide a extremidade norte da serra em duas cristas paralelas até à que sobe aos montes provenientes da Covilhã; quando estiver concluída, será de grande utilidade para o turista que pretenda explorar esta região. O que poderia ser ainda mais útil para um turista seria a edição de um mapa com o relvo da serra em grande escala (...) O Departamento de Turismo ansia por incentivar a prática do esqui e desportos de inverno na serra, mas ainda não compreendeu que o esqui (na verdade, tal como outras formas de turismo) necessita de mapas bons e detalhados (...) Algumas partes da serra permitem a prática de esqui, pois lá no alto a neve mantém-se entre Novembro e Abril. A sede do Clube Português de Esqui situa-se na **Covilhã** e, acima desta cidade, nas **Penhas da Saúde** [1500 metros], está instalado o único hotel para desportos de Inverno em Portugal. (...) é um hotel muito bom, ainda que muito caro. Este local situa-se a mil e quatrocentos metros de altitude, acima da linha das árvores; se não houver neve nas Penhas, de certeza que não há na Torre, quinhentos metros acima, onde o Clube de esqui construiu uma cabana. Podem ser contratados carregadores nas Penhas para transportarem os alimentos e as roupas de cama para a cabana, que não tem pessoal e onde não existe mais nada senão tarimbas nuas e (normalmente) combustível; é importante levar também alguns utensílios de cozinha, pois não há ali nenhuns. Por vezes, o Clube de Esqui organiza corridas bastantes divertidas durante a festividades de Ano Novo. (...) A Serra da Estrela é um local esplêndido, com mapas ou sem eles. A estrada de **Gouveia** (...) sobe em grandes curvas (...) a sul da estrada, durante quilómetros e quilómetros, ora cresce a cevada, ora pastam as ovelhas a curta turfa da montanha, com a sua flora especial e maravilhosa; uma raça de cães, peculiar desta região, cujo pelo faz lembrar os *huskies* do Canadá, protegem os rebanhos dos lobos que ainda infestam estes montes solitários: os cães amamentam-se mamando o precioso leite das ovelhas. Apesar destas pequenas perdas, os queijos da serra são famosos com toda a justiça. Nota-se uma estranha mudança de aspecto e de vegetação ao descer estrada (...) íngreme e extremamente assustadora desde o **Poio Negro**, o conjunto sombrio constituído pelos edifícios do sanatório e por algumas cabanas no cimo do cume, até Manteigas.(...) **Manteigas** é uma pequena vila encafuada (...) localizada entre um côncavo (...) entre as cordilheiras [sendo] o ponto de partida para visitar as duas únicas «estações» onde pode ser observado o crescimento de teixos em estado selvagem em Portugal. A estação com acesso mais fácil é o **Poço do Inferno**, uma garganta com diversas quedas de água, à qual se pode chegar subindo cerca de dez quilómetros de uma estrada do Serviço Florestal desde Manteigas. Nessa estação existem cinco ou seis teixos agrupados no pequeno bosque rochoso (...)” (2009: 189-191).

Bridge e Lowndes dão-nos também algumas informações interessantes, de como, nessa década de 40, se fazia a coloração, na *Serra*, dos famosos cobertores de lã de cores

garridas, muitos deles que acompanharam os portugueses na Expansão do século XV, servindo de agasalho e muitas vezes de moeda de troca, crendo-se mesmo que, junto com as mantas alentejanas, teriam influenciado as cores dos panos indianos. Ouçamo-las (2009: 191):

“A estrada que segue para a **Guarda** deixa o vale superior do Zêzere (...) e passa por terras altas abertas, uma excelente região de ovelhas, com fábricas de campo nas aldeias onde a lã é fiada e transformada naqueles cobertores de cores garridas usadas pelos portugueses em todo o território de Portugal. Curiosamente, a coloração não é feita nas fábricas, mas nos campos, próximo dos poços; a água é retirada dos poços para grandes caldeirões, nos quais os pigmentos e a lã são cozidos em conjunto sobre fogueiras a céu aberto; os compridos novelos de fio vermelho, verde ou azul que secam ao sol, estendidos ao longo de cem metros ou mais sobre muros de pedra, constituem uma vista surpreendente e vívida. Actualmente, os pigmentos são sintéticos; costumavam ser provenientes da Alemanha, mas agora são importados. Segundo dizem os camponeses, e os recipientes junto aos poços parecem confirmar isso mesmo, da Rússia.”

6. REFLEXÕES FINAIS

“Não é só a ciência, é também a literatura que explica, pela descrição mais ou menos vivida e fluente de factos e épocas, de situações de conflito, como ao longo do tempo a população se concentrou, se dispersou, criou actividades ou abandonou o solo a uma progressiva desertificação.”

(Gonçalo Santa-Rita, *Portugal. A Expressão da Paisagem*).

A expedição científica de 1881, e a posterior *excursão* de 1883, viriam a modificar, definitivamente, o conhecimento deste território, concedendo ao mesmo um valor estratégico para o desenvolvimento e progresso dessa região, e para a necessidade de preservar a biodiversidade da mesma. Destes acontecimentos tivemos as narrativas do médico Sousa Martins e do escritor e político Emídio Navarro, que nos descreve igualmente as características e viveres desta região, até ao momento bastante ignorada pelas elites portuguesas.

Quer os textos do Dr. Sousa Martins, quer os de Emídio Navarro, ajudam-nos a compreender o esforço feito, durante os séculos XIX e início do XX, para desenvolver uma actividade pioneira na Serra, ligada à cura da tuberculose mas também à possibilidade de uma actividade turística que contribuísse para dar outras valências à *Serra*. Daí a preocupação destas duas grandes figuras da Cultura Portuguesa, com a reflorestação da Serra, para fins medicinais e turísticos, bem como a melhoria nos seus acessos. Embora o sanatório da Covilhã e da Guarda tenham deixado de funcionar, actualmente a pureza do ar desta última cidade, a mais alta de Portugal, foi reconhecida como “marca” de valor para a saúde pública/ “marca” turística.

Temáticas como a geografia, fauna, flora, meteorologia (névoas súbitas, tempestades, vento inclemente), modos de viver da população, lendas, superstições e hábitos culturais, ou informações sobre os inícios do desenvolvimento do turismo na Serra, cruzam os textos destes e de outros intelectuais, portugueses e estrangeiros. Escritores como Maria Angelina e Raúl Brandão, Ferreira de Castro ou Irene Lisboa, no século XX, descrevem as belezas, os perigos, ou a dureza de nela viver, bem como toda a actividade humana nela desenvolvida, como na cidade industrial da Covilhã, e noutras

vilas e aldeias da região. Ferreira de Castro, no “Pórtico” da *Lã e da Neve*, relata-nos quer a epopeia da lã, com início na Expansão Portuguesa (1415), onde muitos destes produtos foram transportados nas naus portuguesas, quer a epopeia dos séculos seguintes, nomeadamente com o desenvolvimento industrial do século XX na região, com todas as seus benefícios e desventuras.

Miguel Torga transmite-nos a importância da centralidade dessa força telúrica que é a *Serra*, força essa que sentimos também, quando a visitamos. Já Vergílio Ferreira, para além de destacar as belezas da amada Serra da infância (que será de toda a vida também), dá conta de como a pobreza e o isolamento levavam, na época, muitas das famílias com fracos recursos financeiros a renunciar aos seus filhos, e a escolher seminários, mais ou menos longínquos, para os poder educar. O viajante Saramago invoca os deuses hermínicos para lhe revelar os seus segredos mas, face à opacidade das suas nuvens e névoas, tem de recorrer aos *mapas* e *guias* para nela se não perder. Aquilino Ribeiro retrata a *gigantona* como uma *personalidade ativa*. Os *Escritores da Guarda* lembram a *capital da Beira Alta* e muitos deles referem a serra que a enquadra.

Para se compreender a projecção científica e turística das Serra, há séculos, escolhemos os testemunhos de alguns estrangeiros ilustres, como o médico naturalista Charles de Merueilleux e o botânico Link, no século XVIII; a arqueóloga e botânica amadora Ann Bridge que, juntamente com a jornalista Susan Lowndes, atravessaram este território no século XX. Em géneros heterogéneos, como as “notas” ou os *guias* de viagem, de forte pendor personalista, muito distintos dos actuais, exclusivamente de pendor denotativo/informativo, deixaram as suas impressões da sua passagem pela *Serra*. Outros, como o Príncipe polaco Félix Lichnowsky (1842); o Reitor da Universidade de Salamanca, Miguel de Unamuno (1908); ou a jornalista e escritora francesa Susanne Chantal (1972) não deixaram de a referenciar, mesmo não a visitando ou fazendo relato dela (como Unamuno, embora tivesse visitado a Guarda).

Dado as restrições da edição, escolhemos estes como textos ilustrativos, senão fundamentais, para perceber como aquele espaço foi habitado e que actividades desenvolvia, para podermos estabelecer um paralelismo em como a Serra, em si imutável, era nas suas actividades, e como neste aspecto se transformou quase totalmente: num espaço turístico, essencialmente procurado para desportos de Inverno.

Actualmente, para que a memória, a identidade da *Serra* não se perca, algumas dessas actividades pretéritas estão a ser recuperadas, não só do ponto de vista industrial, mas também turístico. Dentro da recuperação desse património, na *Rota da Lã*, promovida pelo Turismo do Centro de Portugal, pode apreciar-se a evolução tecnológica da tecelagem industrial da lã, iniciada no século XIX, com cerca de 300 unidades fabris, bem como os territórios percorridos por pastores e mercadores ligando, neste caso, Portugal e Espanha. Esta *Rota* transfronteiriça ibérica de oitocentos, criada pela falta de lã da raça *bordaleira* que se fazia sentir na época, parte do Lavadero de Lanãs de los Barruecos, em Malpartida de Cáceres (onde se situa o Museu Vostell-Malpartida), local onde se tosquiavam os rebanhos e se lavava a lã merino, e termina na antiga *Real Fábrica de Panos*, actual *Museu de Lanifícios da Covilhã*.

Na *Serra*, foram igualmente detectados cerca de 100 caminhos de transumância, caminhos mais ancestrais ou mais modernos, essencialmente de gado ovino e caprino, bem como os bebedouros e os abrigos sazonais dos pastores. Vimos como alguns desses caminhos foram referidos pelos autores. Sendo uma prática ancestral, mas que não se realiza com a amplitude de outrora, actualmente existe uma Rede Cultural *Terras da*

Transumância, uma parceria entre os Municípios de Castro D`Aire, Fundão, Gouveia e Seia. São promovidos eventos turísticos nestes municípios, ligados ao facto dos pastores, com os seus rebanhos de ovelhas, subirem à serra da Estrela, mas também à da Gardunha e de Montemuro, no mês de Junho (um movimento ligado ao solstício de Verão e à celebração de S. João, embora haja localidades onde este movimento se concretiza em Julho, como em Seia), e aí permanecem normalmente até finais de Agosto, sendo a descida também acompanhada por eventos turísticos (como em Gouveia).

Existem igualmente pequenas empresas ou indivíduos que recuperaram antigos teares manuais e, em Manteigas, também se pode desfrutar de uma antiga fábrica de tecelagem, onde foi recentemente recuperada toda a maquinaria original, que produz actualmente variados produtos fabricados com a lã de ovelhas da raça *bordaleira* ou *Serra da Estrela*. Esta espécie *autóctone* apresenta duas variedades, branca e negra, da qual se faz o *burel*, tecido que servia para fabricar, entre outros produtos, as capas dos pastores, para os proteger do frio e da neve, não podendo esquecer os seus fiéis amigos, os cães Serra da Estrela. Para além da carne de borrego (DOP), do leite dos ovinos fabrica-se ainda o delicioso Queijo e o Requeijão da Serra, ambos DOP. Inicialmente, o Queijo da Serra era apenas de produção familiar.

Há ainda de referir, dentro desta rica gastronomia, a aguardente de zimbro, os enchidos ou o tradicional pão de centeio, cereal que, junto com o milho, é cultivado na Serra. O **Museu do Pão**, em Seia, é o maior complexo museológico a nível mundial sobre o tema. O museu explica a história do pão português e oferece um Espaço Gastronómico, restaurante onde se pode degustar receitas tradicionais. Também em Seia existe o **Centro de Interpretação da Serra da Estrela** que, segundo o seu *site*, *promove exposições, seminários, formação e visitas de interpretação ambiental*, ou o **Museu Natural da Electricidade de Seia**, que *procura a reabilitação do local conhecido como Castro de S. Romão*. Já o **Viveiro das Trutas**, em Manteigas, onde as límpidas águas da Serra são utilizadas para essa criação, está diariamente aberto ao visitante. Longe vai o tempo em que as duas inglesas denunciavam a quase inexistência da pesca da truta, dado o excesso de fertilizantes que os agricultores deitavam intencionalmente para os cursos de água, no intuito de apanhar as trutas mais depressa e escamá-las *rapidamente*, para as cozinharem e comerem, crendo assim que o sulfato de cobre não lhes faria mal à saúde. Deste modo, as belezas naturais da Serra e todos os seus produtos fazem dela um lugar de deleite, para nacionais e estrangeiros. O Turismo Literário poderá ser um valor acrescentado, dentro desta ampla oferta turística.

Os postos de Turismo, em conjunto com as Câmaras Municipais e mesmo com as unidades hoteleiras locais, poderiam igualmente facultar não só informações, mas também o contacto com guias intérpretes ou guias locais que pretendam desenvolver esse tipo de turismo. Gostaríamos ainda de referir que, por contingências de publicação, apenas citamos algumas passagens das obras, ficando o leitor/turista na posse da informação bibliográfica, para a consulta integral das mesmas, se assim o desejar.

BIBLIOGRAFIA

- Aguiar, J. (1992). *A Voz dos Deuses*. Lisboa, ASA (13ª ed.).
- Angelina, M, Brandão, R. (2003). *Portugal Pequeno*. Lisboa, Ed. Vega, 2ª ed.
- Ardérius, V.M. (2016). *Reflexões sobre Vergílio Ferreira*. Guarda, Ed. V. M. Ardérius.

- Bridge, A., Lowndes, S. (2009). *Duas Inglesas em Portugal. Uma viagem pelo País nos Anos 40*. Lisboa, QUIDNOVI.
- Buescu, H.C. (2012). Paisagem Literária. Imanência e Transcendência, *Colóquio-Letras*, nº 179, Janeiro/Abril. Lisboa, Fundação Calouste-Gulbenkian, pp. 9-17.
- Buescu, H.C. (1990). *Incidências do Olhar: Percepção e Representação*. Lisboa, Ed. Caminho.
- Castro, F. (1985). *A lã e a neve*. Lisboa, Círculo de Leitores.
- Correia, J. de A. (1955). *Cartas da Montanha*. Régua, Imprensa do Douro.
- Daveau, S. (2005). *Portugal Geográfico*. Porto, Edições João Sá da Costa, 4ª ed.
- Diós, A. M. (1985). *Escritos de Unamuno sobre Portugal*. Paris, Foundation Calouste Gulbenkian.
- Fabião, C., Guerra, A. (1998). Viriato: em torno da iconografia de um mito. *Actas dos IV Cursos Internacionais de Verão de Cascais*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, pp. 33-79.
- Link, H. F. (2005). *Notas de uma viagem a Portugal e através de França e Espanha*. Lisboa, Biblioteca Nacional.
- Lisboa, I. (1997). *Crónicas da Serra*. Lisboa, Ed. Presença (2ª ed.).
- Mattoso, J. (1988). *A Identidade Nacional*. Lisboa, Fundação Mário Soares, Gradiva.
- Merveilleux, C. F. de (1989). Memórias Instrutivas sobre Portugal. *O Portugal de D. João V, visto por três forasteiros*. Lisboa, Biblioteca Nacional.
- Mourão, P. (1997). Prefácio. *Crónicas da Serra*. Lisboa, Ed. Presença (2ª ed.).
- Navarro, E. (1884). *Quatro dias na Serra da Estrela. Notas de um passeio*. Porto, Livraria Civilização.
- Pereira, A. N. (1979). *Poema da Serra da Estrela*. Covilhã, Tip. Notícias da Covilhã.
- Pereira, V., Pena, A. (coord.) (2008). *Roteiro arqueológico da Guarda. Território, Paisagens e Artefactos*. Guarda, Câmara Municipal da Guarda.
- Romana, J. M. T. Mota da (2003). *Antologia de escritores da Guarda*. Guarda, Câmara Municipal da Guarda.
- Santa-Rita, G. (1982). *Portugal. A Expressão da Paisagem*. Lisboa, Direcção-Geral de Divulgação.
- Santos, L. R. dos (2001). Kant e o Regresso à Natureza Como Paradigma Estético. *Natureza e Ambiente, Representações na Cultura Portuguesa*. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, pp. 169-193.
- Saraiva, A. (2017). *Vergílio Ferreira, Seminarista nos Seminários da Guarda e do Fundão*. Porto, Editora Exclamação.
- Saramago, J. (1995). *Viagem a Portugal*. Lisboa, Editorial Caminho, 11ª Ed.
- Torga, M (1993). *Portugal*. Coimbra, Ed. do Autor, 6ª Ed.